

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**A CULTURA DE MASSA (MASSIVA?) NA
ÉPOCA DA REPRODUTIBILIDADE
TÉCNICA: PIRATARIA E FETICHE
(CAMELÓDROMO DE UBERLÂNDIA –
2001-2006).**

PABLO LACERDA BUENO

9
3749
S. 9 (c)

PABLO LACERDA BUENO

**A CULTURA DE MASSA (MASSIVA?) NA
ÉPOCA DA REPRODUTIBILIDADE
TÉCNICA: PIRATARIA E FETICHE
(CAMELÓDROMO DE UBERLÂNDIA –
2001-2006).**

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de
Faria Pereira

Uberlândia, Dezembro de 2008.

BUENO, Pablo Lacerda. (26/02/1982)

A Cultura de Massa (Massiva?) na Época da Reprodutibilidade Técnica: Pirataria e Fetiche (Camelódromo de Uberlândia – 2001-2006).

Pablo Lacerda Bueno – Uberlândia, 2008-12-17

64 fl (folhas)

Orientador(a): Prf. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Uberlândia, Pirataria, Cultura de Massa, Indústria Cultural, História Oral.

PABLO LACERDA BUENO

**A CULTURA DE MASSA (MASSIVA?) NA ÉPOCA DA
REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA: PIRATARIA E FETICHE
(CAMELÓDROMO DE UBERLÂNDIA – 2001-2006)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: André Fabiano Voigt

Prof. Dr.: Pedro Spinola Pereira Caldas

Prof. Dr.: Mateus Henrique de Faria Pereira

*Aos meus entes queridos,
tão presentes mesmo quando
na distância dos duros ventos.*

AGRADECIMENTOS

Quantas são as pessoas que podem colaborar com alguém em sua conclusão de curso? Quantas dentro ou fora do curso? Quem mais colabora? Cada parte desta Monografia resulta de alguma relação dos que, de alguma maneira, me ajudaram. Por isso optei pela primeira pessoa do plural na narrativa.

Ao Deus que cuidou de mim durante tanto tempo, mesmo que muitas vezes eu não o tenha reconhecido à sua altura, e ao meu Anjo da Guarda, que me protegeu de várias situações de risco. Aos meus pais, que sempre se prontificaram a me apoiar e nunca permitiram que me faltasse maneiras de seguir em frente no curso, fora o gentil amor de mãe e de pai. À minha tia Lenira, cuja disponibilidade e manutenção foram fundamentais à minha sobrevivência na faculdade. Aos meus outros pais que me “adoraram” durante o curso, como a Telma, João, Iolanda, Lúcia, Marilah, Girlene e Sueli, pessoas que de diferentes maneiras me ajudaram como só elas poderiam. Aos meus queridos avós maternos e paternos que já morreram.

Às minhas turmas, sendo uma Marcos, Dener, Angélica, Fábio, Aline, Paula, Bruno e Sérgio, e outra, Luiz Fernando, Daniel, Diogo e Bruno. Aos amigos separados Janaína, Shoji, Paloma, Aline, Pablo, André, Fabrício e Salger. Pessoas que compuseram minha parte social, me apoiaram em tantas horas complicadas, me animaram, fizeram grandes favores, enfim, foram verdadeiros amigos que qualquer um precisa para seguir a vida da melhor maneira possível. Aos colegas da faculdade Daniel, Renan, Mariane, Ludmila, Miriam, Alexandre, Henrique, Luciana, Rodrigo, Diego, Christiano, Ângelo e novamente o grande Marcos, por serem pessoas que me ajudaram (e muito) a chegar ao fim do curso. Espero tê-los ajudado um mínimo comparado ao que fizeram por mim.

Quanto aos professores, meus agradecimentos ao Antônio e à Dilma, por serem minha primeira referência, ao ingressar no curso, de como me tornar uma pessoa capaz de considerar diferentes maneiras de se perceber um fato de maneira crítica. À Rosângela, Alcides, Marta Emísia e Pedro, pelas boas aulas que buscarei reproduzir quando professor. Ao Newton, por ter sido meu orientador inicial, à Karla e Josianne, pela gentil atenção e por me encaminharem e ao orientador final, Mateus, que me ajudou a concluir o trabalho sempre com boa vontade. Ao secretário João, por sempre ter as informações que precisava na ponta da língua e com a paciência de sempre. À própria Universidade Federal de Uberlândia, por me permitir adquirir conhecimento tanto dentro quanto fora de sala de aula

em acesso gratuito. Também por me ajudar quando tive dificuldades financeiras, com a Bolsa Alimentação e o Auxílio Moradia. Ao curso de História, que não me decepcionou quando optei por fazê-lo, objetivando conhecimento e conscientização. A todos os outros professores, por se mostrarem maduros e flexíveis em várias questões.

Um agradecimento especial ao Marcos e ao Dener, que me ajudaram muito durante meu maior momento de dificuldade financeira e emocional. Outro agradecimento especial ao Luiz Fernando, por ter me indicado ao emprego que estou até hoje e que resolveu minha dificuldade financeira quando mais precisei, ajudando decisivamente a mim e a meus pais. Todos eles grandes amigos.

Um agradecimento especial para a Livia, meu Anjo além do da Guarda, por significar um grande estímulo para seguir em frente na reta final, pela sua maneira especial e importante de preencher minha vida, por me trazer paz e amor no momento que mais precisei (e preciso), pelo carinho, pela doçura, pelos familiares e amigos que a partir dela conheci, pela nova e agradável vida que com ela vivencio desde então e por me apoiar nas grandes mudanças que fiz em minha vida pouco antes e pouco depois de ficarmos juntos.

A todos meus outros amigos, colegas de trabalho e de faculdade que aqui não citei, mas que foram sempre gentis comigo, cada qual à sua maneira. A todos que não considero hoje, mas de alguma forma já considere. Às dificuldades que enfrentei, por me tornarem uma pessoa melhor.

À pirataria, por ser um tema que me fascinou. Aos entrevistados que apontaram suas experiências e que com boa vontade me permitiram entrevistá-los. Às questões sociais, às filosofias, às mais diversas culturas humanas do mundo, que nos enriquecem e nos encantam. Às trilhas que mais utilizei: o clássico Philip Glass, a eletrônica Autechre e o grupo Therion. À fotografia, ao teatro, ao desenho, às poesias, aos livros, ao cinema, à música e tantos outros espaços que me envolveram e estimularam durante o tempo do curso, muitos deles no próprio espaço da faculdade. Às belezas da natureza e da mãe Terra.

A esta monografia, que me ensinou um pouco do lado pesquisador do historiador.

A tudo e todos, um obrigado cheio de alegrias
pelas presenças e ajudas intensas, pelos amores
nas épocas quentes e não só pelas épocas frias.
Por em tempos tristes me trazerem boas cores.

*O Pirate de hoje não é em nada
comparado ao outrora limitado.*

*O de antes em mares vivia a cada,
e um a um que buscava, encantado,
experimentava lentamente os ares
que roubava, sem ser cruel julgado.*

*Já o atual é capaz de dominar os sete mares
só com um monitor, um mouse e um teclado.¹*

*As leis não bastam.
Os lírios não nascem da lei.²*

¹ Bueno, Pablo Lacerda In. *Da rede dos peixes à rede dos Homens*.

² ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade In. *Nosso Tempo*.

RESUMO

Este trabalho procura compreender e explicar a pirataria em Uberlândia no período que vai de 2001 até 2006, observando seus impactos. O ponto de maior importância é as relações sociais e culturais que se dão com o advento do CD pirata para vendedores e consumidores. As fontes trabalhadas foram os periódicos e os especialistas no tema da “cultura de massa”, indústria cultural e fontes orais. Apontamos aqui as questões de como há uma relação direta entre indústria cultural e o aumento da pirataria de CD's no Camelódromo Central de Uberlândia, de como se dá a re-significação do fetiche do objeto e de como a pirataria se legitima socialmente, embora seja ilícita legalmente. Não para menos, também trabalhamos a postura da fiscalização sobre este meio informal. Os principais teóricos trabalhados foram Theodor Adorno e Walter Benjamin, considerados a partir das reflexões de Umberto Eco.

Palavras-chave: Uberlândia, Pirataria, Cultura de Massa, Indústria Cultural, História Oral.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
-----------------	----

Capítulo I:

A prática da pirataria, a perspectiva social e as experiências dentro do espaço do Camelódromo Central em Uberlândia.....	17
I.1 - De como trabalhar a história oral.....	18
I.2 - Da pirataria de ontem e de hoje.....	21
I.3 - Da repressão aos piratas.....	22
I.4 - Da noção de criminalidade.....	24
I.5 - Da legitimidade e noção de pertencimento.....	25
I.6 - Dos fatores de custo e qualidade.....	29
I.7 - Da re-significação do fetiche do objeto.....	31

Capítulo II:

A “cultura de massa” e a Indústria Cultural: entre Apocalípticos e Integrados.....	37
II.1 - Sobre a “cultura de massa”.....	38
II.3 - Sobre a indústria cultural.....	40
II.4 - Sobre a relação entre indústria cultural e aumento da pirataria.....	46
II.5 - Sobre o custo-benefício da produção do produto.....	49
II.6 - Sobre a fiscalização e seus interesses.....	53
Considerações Finais.....	57
Fontes.....	61
Bibliografia.....	62

INTRODUÇÃO

Ora, homo religiosus, homo oeconomicus, homo politicus, toda essa ladainha de homem em us, cuja lista poderíamos estender à vontade, evitemos tomá-los por outra coisa do que na verdade são: fantasmas cômodos, com a condição de não se tornarem um estorvo. O único ser de carne e osso é o homem, sem mais, que reúne ao mesmo tempo tudo isso.³

³ BLOCH, Marc. *Apologia à História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 132.

Antes de desenvolver o tema da pirataria como foi apresentado neste trabalho, passamos por outras perspectivas. Nossa primeira proposta de pesquisa sobre a qual poderíamos desenvolver seria a abordagem de algum aspecto do Japão em relação à cultura brasileira, dado certo interesse particular que cultivamos acerca da cultura e história nipônica. Pensamos em trabalhar a inserção do mercado cultural japonês no Brasil e suas respectivas consequências. Também pensamos em trabalhar aspectos culturais do Japão feudal e as reminiscências que poderiam ser encontradas na atual cultura japonesa, com suas questões positivas e/ou negativas e consequências em relação ao mundo contemporâneo externo, dada a peculiaridade de tal cultura em relação à época.

E, para tal, encontramos duas dificuldades em relação a tais temas. A primeira foi a própria dificuldade em criar condições de se fazer uma pesquisa embasada e bem estruturada. A Universidade Federal de Uberlândia não possui um direcionamento que pudesse nos orientar para tal projeto, ao mesmo tempo em que não há especializações nesta área. A própria formação do curso de história é voltada para outros aspectos. Logo, nossa pesquisa se mostraria estranha à atual perspectiva do curso.

O segundo empecilho foi não vermos uma praticidade imediata, uma contribuição de nossa análise em relação à sociedade. Imaginamos que a principal intenção de qualquer pesquisa seja ter seu fundo prático, seja para a comunidade estudada, seja para a comunidade em que se insere o historiador. Nossa pesquisa, por mais bem feita que fosse, não seria algo diretamente ligado à nossa comunidade local, por exemplo. Posta tal situação, não seria debilidade por parte da própria universidade não ter tal direcionamento, mas sim pela inviabilidade prática de um conhecimento deste tipo.

E é neste contexto que nos inclinamos sobre o tema do universo informal, não só pela sua atualidade, mas também pela análise que levasse a um projeto que contribuísse de alguma maneira para a sociedade local na qual também nos inserimos.

Inicialmente, o assunto a ser abordado seria a economia informal em sua “totalidade”. Porém, exatamente pela sua abrangência, a pesquisa ficaria vaga, dada as infinitas possibilidades de situações e conseqüentes problematizações. Atualmente, encontramos informalidade em quase todos os âmbitos relativos aos produtos ditos originais. Buscando sermos mais específicos, a opção se fez pela pirataria e, em suas várias formas (livros, tênis, perfumes, etc.), objetivamos a pirataria exclusivamente de CD's, dada sua importância.

Mesmo nesta perspectiva, a primeira abordagem feita ainda seria muito ampla, se tornando um fator negativo ao desenvolvimento da pesquisa enquanto objetiva e concreta. Trabalhar pirataria, mesmo que apenas de CD's, dentro de toda sua amplitude, seria considerar uma quantidade de informações impossível de assimilar tão rapidamente quando do momento da produção desta monografia.

Considerar todas as áreas, como a dos vendedores, dos consumidores (em suas várias classes sócio-econômicas), os fiscais, a perspectiva política, a interpretação que se faz de pirataria em cada um dos envolvidos, os meios legais e judiciais como promotores, policiais e outros, seria um trabalho impossível de ser feito em tão pouco tempo. Resultaria, de fato, num projeto interessante para iniciação científica dentro do curso de História.

Como que buscando mais objetividade, nos orientamos na intenção única de valorizar o momento em que a pirataria se torna um divisor de águas nas relações materiais, dedicando-nos a este momento o qual mais consideramos em termos de impacto. Com isto, finalmente foi desenvolvido um tema coerente com uma pesquisa para o trabalho de conclusão do curso. Serão consideradas, assim, as mudanças observadas entre 2001 e 2006, o momento em que acompanhamos a instauração e a ampliação da pirataria de CD's.

A pesquisa observará como tais mudanças representaram um impacto social na vida de algumas pessoas e na sua sobrevivência no comércio. Será, portanto, observado no presente trabalho como as pessoas se relacionaram com o novo objeto material e informal, bem como esta população se adaptou à pirataria enquanto consumidora. Também é importante entender como de certa forma a sociedade a legitima, mesmo sendo ilegal.

O estudo se fará em Uberlândia, trabalhando o ponto de vendas no centro da cidade, a dizer, o Camelódromo Central, na intenção de ressaltar o comportamento da pirataria no principal centro ativo da informalidade do município.

A própria maneira como o Camelódromo Central se origina é interessante: fez-se buscando retirar os vendedores ambulantes das ruas, num processo de embelezamento (ou "limpeza") da Avenida Afonso Pena. A cidade também acompanhou outras mudanças, como a retirada das famílias pobres (rumo ao bairro hoje conhecido como Tocantins) da Avenida Rondon Pacheco. Embora seja um local de comercialização de produtos informais, seus *Box*⁴ são reconhecidos pela Câmara Municipal de Uberlândia.

⁴ Equivale ao ponto de vendas num espaço compacto, se refere a uma loja.

A temática da pirataria é pertinente, não apenas pela sua atualidade e presença, mas também como um meio de transformações nos campos econômico, social e cultural. Não são muitos os trabalhos realizados acerca do tema, mas já podemos perceber sua importância no ponto de vista histórico, dadas suas várias consequências em vários aspectos.

A economia informal não é apenas fruto do submundo comercial. Ela se mostra como reflexo da exclusão que o sistema capitalista traz com sua instauração. Muito mais que isso, este tipo de economia se faz como resistência. Das mais variadas, (como aquisição de produtos originais sem imposto, compra de produtos proibidos em alguns países ou contrabando), a reprodução parcial ou total de bens de consumo (possuidores de representação comercial ou com direitos autorais registrados) que visam lucro é o ponto onde esta pesquisa se debruça.

Apesar de ser um tema relativamente novo, a discussão da pirataria se mostra cada vez mais necessária em nossos dias. Observamos cada vez mais a emulação dos mais diversos produtos que podemos encontrar, mesmo que muitos deles tenham uma série de proteções que visem evitá-la. São tênis, videogames, jogos de videogames, aparelhos de Mp3 e Mp4, roupas de marca, óculos-escuros e muitas outras mercadorias. E, entre tantas, a pirataria de CD's de música e DVD's de filmes se tornou um ícone.

Este meio informal nos mostra seu poder não apenas pelos produtos oferecidos, mas também pela impressionante aceitação advinda não só do baixo valor aquisitivo. Como se deu esta relação é um primeiro passo a ser avaliado em meio a tantas possibilidades de estudo que o comércio informal da pirataria nos apresenta.

Uma primeira chance de compreender o que se pensa atrás das prateleiras de lojas que vendem CD's piratas foi vislumbrada durante o projeto que permitiu o desenvolvimento deste trabalho. Não só vendedores, mas também os responsáveis pelo consumo ardente. As apreensões parecem aumentar no mesmo número que barraquinhas e vendedores se apresentam com novidades no centro de uma cidade qualquer.

E em meio a este contexto, Uberlândia não é exceção. Existem o Camelódromo Central, o Municipal, o Regente e o Oriental. Isso apenas no centro. Ainda existem os comércios informais feitos em bairros, principalmente os mais afastados. Aqui será apontado a experiência no Camelódromo Central, o principal deles. Com isso, buscaremos neste local apresentar como se dá a construção da legitimidade da pirataria, a partir de seu consumo e venda.

Nesta pesquisa não será feito nenhum apontamento ao formato mp3, considerando a abrangência política, social e cultural do mesmo. Tal caso poderia ser trabalhado numa outra (e rica) pesquisa dedicada apenas a este tema. Aqui serão observados os CD's copiados na íntegra, com capa e contra-capas, acompanhando o que se tornou posteriormente: um simples CD identificado à caneta e sem capa. A literal reprodução da obra, cujo comércio não é permitido, é o objeto aqui observado.

Se resumíssemos todo o trabalho em questões, seriam elas:

1. A legitimidade social que a pirataria recebe.
2. As noções de pertencimento que se fazem no Camelódromo Central.
3. A relação da indústria cultural com o aumento da pirataria.
4. A re-significação do fetiche do objeto.
5. A postura da fiscalização sobre este meio informal.
6. A atualidade do texto de Walter Benjamin sobre os limites e as potencialidades da reprodutibilidade técnica.

Consideramos neste trabalho como “fetiche do objeto” o sentimento ao material que se desenvolve ao longo do tempo, desde a instauração do sistema capitalista. Tal sentimento agrega um valor muito maior ao objeto do que o seu real valor de fabricação: é resultado do alto preço, da raridade implícita e do *status* que carrega, dentre outras situações.⁵

Marx afirmava que o fetiche (com seu simbolismo) é a base que fundamenta a produção capitalista (de mercadorias), ao passo que mascara as desigualdades e vai contra o valor de uso. Benjamin, ao ampliar a discussão e mesclar Marx com Freud, simboliza o fetiche de maneira que “A forma da mercadoria é evidente em Baudelaire como o conteúdo social da forma de intuição alegórica. Forma e conteúdo unificaram-se na prostituta, como em sua síntese”.⁶

Com esta valorização desmedida, o consumidor é hipnotizado a adquirir produtos com preços supervalorizados ou por simplesmente serem feitos num reduzido número. Porém, é um processo lento que, como Benjamin afirma, “(...) as mudanças ocorridas nas

⁵ Não trabalhamos este processo que se inicia com a re-significação do valor do objeto oficial e que termina com o desprendimento material de ambos (original e pirata). Pela sua riqueza, este apontamento pode ser fundamento de um próximo trabalho, orientado a partir das reflexões citadas nesta pesquisa.

⁶ Refere-se à obra de Walter Benjamin, intitulada “Passagens”. Várias destas afirmações se encontram no endereço eletrônico http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/benjamin/benjamin_03.htm Para maiores análises, ver também Bolle, Willi e MATTOS, Olgária C.F. (org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura”.⁷

E para discutirmos as questões postas, no primeiro capítulo buscamos a importância na experiência dos que se envolvem com a pirataria. Como esta economia informal local se adaptou ao CD pirata e como se deram as relações sociais e culturais das pessoas frente a esta questão. E as entrevistas realizadas com vendedores e consumidores dos produtos veiculados no Camelódromo Central formaram um conjunto que se tornou essencial neste trabalho.

Um segundo capítulo trata a perspectiva da “cultura de massa” e indústria cultural como ponto-chave para analisar a experiência destas pessoas que, de alguma maneira, se envolvem (lícita ou ilicitamente) com a pirataria. Os pensadores destes temas, principalmente Theodor W. Adorno e Walter Benjamin, serão evidenciados, contextualizados e relacionados à luz das análises de Umberto Eco, de maneira a observar suas teorias frente a prática ilícita aqui estudada. Analisamos cada pensador em seu contexto, buscando observações na perspectiva atual, bem como críticas aos trabalhos referenciados.

Fizemos uso do acervo público municipal, de maneira a pesquisar informações veiculadas nos jornais da cidade, buscando, além de informações, contrastar com depoimentos orais. Algumas revistas que trabalharam sobre o tema em pontos importantes também foram consideradas, como a “Super Interessante” e algumas revistas de estudantes e/ou professores de veiculação interna da UFU, como a “Em cômodos”.

O presente trabalho não tem por intuito apoiar ou ser contra a pirataria, tampouco apresenta soluções às problematizações postas. Mas se torna um primeiro passo, talvez, aos que futuramente criticarão este tema, inclusive esta pesquisa. Em suma, buscamos trabalhar esta pesquisa iniciando as considerações a partir do particular, para então inseri-lo no âmbito geral.

⁷ BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165.

CAPÍTULO I

A prática da pirataria, a perspectiva social e as experiências dentro do espaço do Camelódromo Central em Uberlândia

O cara da barraquinha de cachorro quente, se for analisar, no fim das contas é o mesmo jeito: ele não paga nada de imposto, porém não tem ninguém lá indo encher o saco dele porquê ele faz algo similar ao Hot Dog do Hot-Cold do Shopping...⁸

Neste capítulo buscaremos observar uma série de fatores que porventura determinaram aquilo que compreendemos por uma legitimidade social do movimento informal pelo qual a pirataria é responsável, bem como se dão as noções de pertencimento no Camelódromo Central de Uberlândia. Ainda observaremos como se dão as relações que culminaram no que denominamos re-significação do fetiche do objeto. Porém, antes, evidenciamos uma pesquisa referente ao modo como trabalhar as fontes orais, dada sua contribuição neste trabalho. Desenvolveremos, portanto, as seguintes questões:

1. Como trabalhar a fonte oral?
2. Como de alguma maneira a pirataria se torna aceita pela sociedade?
3. Como se dão as noções de pertencimento no Camelódromo Central?
4. De que maneira é re-significado o fetiche do objeto pelos produtos piratas?

I.1 - De como trabalhar a história oral

Ao trabalhar a pirataria, fizemos uso da concepção que as pessoas fazem a respeito do tema, bem como suas próprias experiências de vida enquanto sujeitos deste processo que procuro tornar um objeto histórico. Para tal, trouxemos vários modos de se perceber a pesquisa oral.

Inicialmente, Ecléa Bosi comenta de que maneira a memória é utilizada como uma possibilidade para o historiador que trabalha com os conceitos de transformações e persistências nas representações e nas práticas culturais de uma região, “(...) pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual”.⁹

Já Michel de Certeau considera a memória vital para os historiadores, ao passo que cria um espaço próprio, iluminando o presente a partir do passado, onde:

⁸ Entrevista realizada com o Sr. D.B., 37 anos, vendedor.

⁹ BOSI, Ecléa. *Memórias e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 83.

[...] ela se forma (e seu 'capital') nascendo do outro (uma circunstância) e perdendo-o (agora é apenas uma lembrança). Dupla alteração, e de si mesma, que se exerce, ao ser atingida, e de seu objeto, que ela só conserva depois que desapareceu.¹⁰

O papel do historiador enquanto aquele que se utiliza das fontes orais é de responsabilidade, ao co-produzir um documento. Por isso, a preocupação em não cair em erros como não compreender os estudos de memória como resposta a uma necessidade de buscar identidades ameaçadas.

As lembranças possuem diferença entre lugar e espaço. O espaço localiza o tempo e a identidade se perde nele, vacilando à medida que tempo/espaço compõem o quadro do qual o sujeito de reconhece. Nos lugares, as lembranças são estilhaçadas, desmanchando-se as unidades ou "totalidades" que são utilizadas como referenciais.

As memórias são, portanto, passíveis de abrigo e proteção, buscando enfatizar seu "eu" e sua identidade vinculados a valores e códigos os quais se reconhecem. Portanto, é um risco o ato de documentar uma fonte oral sem o devido levantamento crítico.

Ainda que seja arriscado, a experiência social de pessoas ora entendidas como "comuns" são fundamentais na construção do compreender do processo histórico. Há também (e principalmente no meu objeto de estudo) o problema da descontinuidade, constantes transformações presentes nos processos culturais, como afirma Chartier:

A história intelectual não deve cair na armadilha das palavras que podem dar a ilusão que os vários campos do discurso ou práticas são constituídos de uma vez por todas, delimitando objetos cujos contornos, ou mesmo conteúdos, não variam.¹¹

Chartier prega que centralizemos as descontinuidades, segregando-as em diferentes ou contraditórias, de acordo com as épocas, os saberes e os fatos. Por fim, numa consideração importante feita por Paul Thompson, a história oral:

[...] contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da História.¹²

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 162,163.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, p. 65,66.

¹² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 44.

Assim, temos uma perspectiva sobre como trabalhar a história oral que reflete, de certa forma, a maneira pela qual o historiador deve tratar seu documento, com uma atenção especial à sua fonte oral. Maria de Lourdes Janotti e Zita de Paula Rosa comentam que:

[...] o historiador continua a comandar o processo do conhecimento ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever falas e construir a explicação histórica a partir do que generosamente lhe foi oferecido. [...] As histórias de vida não esclarecem necessariamente fatos do passado, mas são interpretações atuais deles.¹³

Logo, o historiador não consegue ser completamente imparcial em sua abordagem. É natural, porém, que sejam feitas escolhas desde a escolha do tema até a seleção do que lhe é conveniente ao construir o objeto histórico. É nesta perspectiva que trazemos um pouco de como trabalhar construção do objeto histórico de maneira madura. Para tal, Marc Bloch foi uma leitura imprescindível.

Ele visa caber ao historiador, ao analisar seu documento, fazer uso dessa ciência sobre os fatos e números que ali se encontram, prontos à sua análise. Nos é legado essa responsabilidade enquanto uma célula capaz de produzir um conhecimento crítico sobre as fontes acerca de um objeto histórico a ser criado e problematizado.

Bloch enfatiza o caráter universal da história com sua civilização, história que evidencia o objeto histórico em sua multiplicidade, como ciência do passado com um leque de interpretações, uma ação humana, cuja alteração do tempo e experiência particular problematizamos e observamos as diferenças. É onde travamos uma luta com o documento, não crendo, primeiramente, logo em seguida questionando-o e então verificando sua contextualização econômica, social, cultural, política, psicológica, etc. Esta, segundo Bloch, seria a beleza e a dificuldade da história global.

Já Adalberto Marson trabalha a questão do ceticismo empírico unido ao conceito, evidenciando a capacidade de escrever o tema, valorizando diferentes versões acerca do mesmo objeto histórico, buscando uma maneira de perceber a história singular, diferente. Apesar de sujeito, o historiador também é objeto, com seu discurso construído e suas referências, identificando-se nas mesmas.

¹³ JANOTTI, Maria de Lourdes e ROSA, Zita de Paula. "História Oral: uma utopia?" In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v.13, n. 25/26, Set. 92/ago. 93.

O historiador, enquanto cientista e o professor, enquanto profissional e simples técnico ou intermediário da formação de consciências (ao lado do livro didático), não podem ser separados das determinações implícitas.¹⁴

A contribuição de cada autor é de suma importância para um levantamento maduro tanto das observações teóricas a serem feitas quanto para o tratamento a ser dado às fontes orais vinculadas ao tema. E a partir delas iniciamos as análises das entrevistas que apontaremos nesta pesquisa.

Aqui apresentaremos uma breve noção do que foi a pirataria antes, bem como se compreende a pirataria nos dias atuais. Também nos preocupamos em apontar como se dá a repreensão legal aos meios informais que a pirataria faz uso.

Num segundo momento, apresentaremos diferentes noções de criminalidade de maneira a iniciar a discussão referente à legitimidade social da pirataria. Encaixaremos nesse raciocínio a questão do pertencimento sobre a qual os vendedores estão envolvidos.

Por fim, traremos à luz destas questões um trabalho relacionado com o fetiche do objeto. A partir de noções do custo e qualidade do CD pirateado, demonstramos como este fetiche é rapidamente re-significado entre consumidores, num processo que retira a supervalorização do objeto ao mesmo tempo em que o desprende do valor material.

I.2 - Da pirataria de ontem e de hoje

Embora haja uma distinção entre piratas e corsários, muitos são os que os consideram um mesmo termo. Diferenciando-os de maneira histórica, “Um corsário era um navio armado, ou o comandante e tripulantes de uma embarcação que tivessem licença para atacar e apreender os navios de uma nação hostil”, enquanto “Um ‘pirata’, por outro lado, era legalmente definido (...) como alguém que rouba e saqueia no mar”.¹⁵

Portanto, o termo pirata surgiu na Inglaterra como uma definição para criminosos do mar. Ao contrário dos corsários, os piratas não se sujeitavam ao governo inglês, o que significava que não só eram carentes de sua proteção, mas também eram perseguidos.

Já no que se refere à concepção atual de pirataria, que consta na Lei 10.695, de 01 de Julho de 2003, que altera partes do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940,

¹⁴ MARSON, Adalberto. “Reflexões sobre o procedimento histórico”. In: SILVA, Marcos ^a da (org.) *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH-Núcleo de São Paulo, 1984, p. 39.

¹⁵ MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e outros Malandros*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 72.

§ 1º - Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente.¹⁶

Se considerarmos os próximos três parágrafos, ambas as situações só consideram ilícito o ato que se compreende como intenção de lucro. O uso privado não caracteriza a ilegalidade que aqui trabalhamos, sendo uma outra questão que não será discutida nesta pesquisa. A reprodução de uma obra vinculada ao lucro é nosso objeto do presente trabalho. Assim, compreendemos a ilegitimidade de uma obra: este é o pirata de hoje.

Se compararmos o pirata dos séculos XVII e XVIII e o pirata dos séculos XX e XXI, ambos não contam com o apoio do governo e são considerados criminosos, já que representam uma via alternativa e sem influência, pelo menos direta dos que estão no poder.

Por outro lado, se esta é considerada a via ilegal, a via oficial se faz pelas gravadoras, que aqui poderiam ser comparadas (grosso modo, claro) aos corsários: ambos dedicam uma porcentagem de seus lucros ao governo, enquanto este os oficializa e os apóia em retorno. E, para tal, também se faz necessária a perseguição aos seus concorrentes ilegais.

I.3 - Da repressão aos piratas

A repressão que se faz aos piratas de hoje pode se resumir às prisões, fiscalizações, apreensões e ordens para depor no Fórum de Uberlândia. Por outro lado, diferente dos piratas de antes, os crimes aqui afirmados não são considerados hediondos como assassinato, seqüestro, tráfico ou estupro: resumem-se na violação dos direitos autorais. Imaginamos que isso é um primeiro fator para compreendermos como os vendedores reagem negativamente às fiscalizações.

A.R. foi vendedor de produtos piratas durante o espaço de 1999 a 2006, presente no Camelódromo Central entre 2004 a meados de 2006, quando definitivamente saiu das lojas. Ao ser questionado sobre a época das fiscalizações mais acirradas, respondeu “Cara,

¹⁶ http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp184a186.htm

tirando que tinha que sair correndo igual traficante de drogas e pedófilo quando chegava o povo da fiscalização, o resto foi de boa”.¹⁷

Da mesma maneira, V.C., um vendedor apenas de produtos variados, comentou como se deu a apreensão de uma vendedora que presenciara:

[...] O policial usou de... como é que se chama mesmo? Eles chamam de... é, alta autoridade pra cima dela. Usou de violência só por causa de uma sacola de DVD.¹⁸

Segundo o mesmo vendedor, foi nesse momento que as vendas de CD's realmente cessaram no ambiente do Camelódromo Central. Este evento que ocorreu em 2007 resultou no ambiente que presenciamos hoje neste espaço: não há nenhuma loja que comercialize (pelo menos não explicitamente) CD's pirateados. As lojas atuais comercializam outros produtos, sendo encontrados CD's e DVD's apenas virgens para compra. V.C. ainda comenta que lamenta o ocorrido, pois sofreu o impacto da baixa no movimento de clientes no local:

CD acabou aqui, desde aquele dia da menina. De vez em quando vai uns presos por isso. Vai responder no Fórum sobre isso. Aqui vivia movimentado... era até bom pra gente, porque vendia mais, sabe?¹⁹

A única loja de CD's que permaneceu comercializando-os sofreu modificações para não ter problemas com a fiscalização. Conta nos dias de hoje com grande acervo de CD's e LP's, todos originais usados. Resumindo, para manter uma busca por clientes que comprem este tipo de produto mais barato, buscou transformar seu *Box* em uma loja de Sebo²⁰. Sobre ele, O.A. antigo vendedor de CD's piratas, comenta que

[...] ele foi até esperto. Continuou vendendo CD, acho que ficou com uns clientes antigos. Mudou muito, mas continua lá, mesmo que vendendo

¹⁷ Entrevista realizada com o Sr. A.R., 28 anos, vendedor.

¹⁸ Sobre este fato, tentamos entrevistar a referida vendedora, mas a mesma não quis gravar entrevista ou comentar sobre a questão. Buscamos informações sobre o caso no ambiente jurídico, mas apenas uma policial da civil comentou sobre o caso, dizendo sobre o policial afirmado ter sido remanejado para outra cidade a pedido de seu superior. O nome do policial e o incidente do uso de violência não foram comentados pela policial civil abordada.

¹⁹ Entrevista realizada com o Sr. V.C., 56 anos, vendedor.

²⁰ Sebos são lojas oficiais que comercializam produtos usados (mas sempre originais), comprando-os e revendendo-os. O vendedor do *Box* afirmado não quis gravar entrevista.

menos. Mas eu preferi largar de mão. Tava cansado disso, eu não sou criminoso pra ter que ficar escondendo não.²¹

Assim como O. A., a grande queixa de todos os vendedores entrevistados foi a falta de reconhecimento por parte das autoridades sobre seus trabalhos. Outro dado comum foi a observação feita sobre o perfil de cada um dos entrevistados. Numa maioria avassaladora, o ingresso a este tipo de atividade se fez por falta de opção no mercado de trabalho. Uma pequena minoria faz faculdade ou um curso técnico, a maioria terminou o segundo grau e boa parte ainda cursa.

I.4 - Da noção de criminalidade

Tomando esta reclamação dos vendedores, buscamos também nos consumidores uma noção a esse respeito. Disso saiu uma entrevista que aponta a noção da maioria entrevistada. Quando questionada sobre o que seria um criminoso, a entrevistada M.I. teve dificuldade de definir, inicialmente apontando alguns aspectos que se adequavam ao que entendemos como assassino. Logo, depois de alguma hesitação, concluiu com certa convicção que “[...] Os criminosos são os desgarrados de Deus, é isso. São pessoas doentes que não conseguem seguir a ordem. É isso”.²²

Quando lhe questionamos se ela mesma se considerava uma “desgarrada de Deus”, ela se assustou (pareceu até ter se ofendido) e prontamente se definiu como não sendo. Questionamos-la novamente, perguntando se possuía CD’s piratas e ela confirmou que sim. Logo depois, perguntamos se ela tinha os originais e a entrevistada afirmou que não.

Após apontarmos que a posse de CD’s piratas sem seus originais mesmo que não visando lucro era de alguma forma um ato ilícito, M.I. pareceu confusa. Nossa impressão primeira foi a de uma pessoa que não conseguia se compreender como uma criminosa.

Essas perguntas, feitas para a maioria dos consumidores de CD’s piratas entrevistados, cuja reação foi muito parecida, nos mostram como se dá a compreensão de criminoso em nosso país. Muito similar ao que se mostra nos jornais de todos os dias, a noção de criminoso está mais associada com os seguintes tipos: assassino (todos o afirmaram), ladrão, estuprador, seqüestrador e traficante. Como comentário, o vendedor W.L. comenta com bastante insatisfação:

²¹ Entrevista realizada com o Sr. O.A., 28 anos, vendedor.

²² Entrevista realizada com o Sra. M.I., 53 anos, dona-de-casa.

Meu, você vê lá nos jornais todo dia cara que mexe no dinheiro público, que rouba, que sacaneia todo mundo de uma vez só. 'Róba' do meu dinheiro, do seu... todo mundo aqui paga as contas de casa tudo bonitinho, pra ficar numa boa, pra esses 'nêgos' virem e robarem tudo? Ah... E a gente trabalha aqui, todo dia. Com horário e tudo mais. Faz de tudo pra cliente comprar, igual em loja grande. Os caras roubam milhões todo dia e os policial vem prender é logo a gente, que ganhou só 30 real num dia de trabalho duro?²³

A maioria dos entrevistados aponta também a questão de como a corrupção na política é fator de insatisfação entre eles. Quando perguntado sobre se considerar um criminoso ou não, responde também o vendedor L.K., que não era dono do *Box*, mas contratado para atender e vender no local:

[pensativo] Não, não fazia nada 'ilícito' e o que eu vendia não representava mal algum pra ninguém da sociedade e 'nóis' nos fim das contas pagávamos impostos como qualquer um, já que energia, telefone, internet, aluguel, contador, alvará de funcionamento, entre outros itens estavam presentes no local de trabalho.²⁴

A noção de colaboração com a sociedade, uma vez que pagam suas contas em dia e consomem como um vendedor formal colabora para que não se entendam como criminosos. Entre os vendedores, P.J. comenta sua noção de criminalidade com uma opinião diferente dos outros, quando questionado se considerava sua ação criminosa:

[...] é... seu sou criminoso sim. Eles falam todo dia nos jornais que CD pirata é crime, então devo de 'sê' criminoso sim, 'uai'. Só que eu podia 'tá' matando, podia 'tá' roubando... [pensa um pouco antes de continuar] mas 'tô' aqui, trabalhando, né? Ah, foda-se se eu 'tô' ou não vendendo pirata [gesticula com os braços e levanta os ombros], quase tudo que 'tá' aqui é contrabando mesmo... e os policiais vem atrás só da gente.²⁵

I.5 - Da legitimidade e noção de pertencimento

Comparando os crimes cometidos pelos piratas antigos e novos, nota-se que os piratas de hoje não se encaixam em crimes hediondos, exatamente os crimes que a população em geral considera patológica e que eram cometidos pelos antigos piratas. Se

²³ Entrevista realizada com o Sr. W.L., 46 anos, vendedor.

²⁴ Entrevista realizada com o Sr. L.K., 39 anos, vendedor.

²⁵ Entrevista realizada com o Sr. P.J., 31 anos, vendedor.

compararmos com atividades ilegais como tráfico, consideremos que traficantes são pessoas que também trabalham, com divisão de atividades e outras situações similares ao cotidiano. Numa entrevista feita por Celso Athayde, ele aponta as razões dos próprios menores para trabalhar no tráfico:

Celso: [...] Por que você acha que tem tanto menor no crime?
Menor: Não sei... Porque é uma maneira de ganhar um dinheiro, que nós menor, nós não vai conseguir uma batalha maneira, não tem como.
[...]
Celso: Como foi sua infância? Ou melhor, como é a tua infância?
Menor: Pô, minha infância foi tipo, até uns tempos foi tranqüila, depois eu perdi meu pai. Aí, tipo, pra não deixar minha mãe segurar tudo, eu fui e entrei pra vida do crime.²⁶

Assim como os outros menores que são afirmados nesse trecho do livro, o ingresso do menor ao crime se dá por falta de oportunidades no mercado, seja pela falta de qualificação ou pela própria dificuldade de ser contratado quando confirma ser morador da favela. E, nesse contexto, ainda consideremos a informação afirmada sobre valores arrecadados no crime: “[...] Os iniciantes, olheiros e aviões, eram os que ganhavam menos, 300 dólares, que representavam uma fortuna para a dupla Neim e Pardal”.²⁷

Considerando o valor do dólar nesta época variando entre R\$0,97 e R\$1,05²⁸, bem como o valor do salário mínimo desta época reajustado de R\$100,00 para R\$112,00²⁹, numa época de boas vendas do tráfico, os menores chegavam a lucrar em média o triplo do salário mínimo. Comparando com a realidade dos camelôs, algumas observações se fazem importantes.

Primeiramente, só o aluguel referente aos *Box* é equivalente a mais de três salários mínimos, o que demonstra a pior condição destes menores. E, mesmo que haja livros bem veiculados na sociedade, como *Estação Carandiru*, *Cidade de Deus*, *Abusado*, *Falcão*, *Cabeça de Porco*, *Inferno*, *Capão Pecado* e tantos outros que buscam apontar a condição humana sobre os prisioneiros e os traficantes, evidenciando suas vidas e seus sentimentos aflitos, a opinião pública ainda se mantém contra criminosos hediondos. Ainda se mantém a opinião pública negativa contra traficantes, seja pelos assassinatos, seja pelo tráfico de produtos proibidos.

²⁶ BILL, M.V. e ATHAYDE, Celso. *Falcão – Meninos do Tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 127-129.

²⁷ BARCELLOS, Caco. *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 329.

²⁸ <http://www.rotarybrasil.com.br/dolar.htm>

²⁹ <http://www.uel.br/proaf/informacoes/indices/salminimo.htm>

Por outro lado, não encontramos nas prateleiras das livrarias ou em redes de televisão livros e documentários voltados à humanização dos vendedores de CD's piratas, um produto igualmente proibido, assim como a cocaína. Também não observamos, em nenhum dos livros afirmados, depoimentos de traficantes argumentando serem trabalhadores. Todos eles se consideram criminosos, o que não se percebe, porém, no ambiente dos camelôs.

Não obstante, consideremos que os produtos comercializados ilegalmente no camelô também é visto em lojas oficiais, são feitas propagandas na televisão do produto, dentre outras situações que fazem parte da realidade do consumidor, diferente do que se acompanha no submundo do tráfico. O consumidor S.T. comenta que:

Se você ver um cara com um pacote de cocaína no meio da cidade, se é que tem louco com essa coragem, ninguém quer chegar perto do cara, porque sabe que ele vai ser preso daqui uns cinco minutos. Agora, se o pacote fosse com dez CD's ou DVD's que fosse, te garanto que ninguém ia chamar o cara de coisa alguma. E se bobeasse, os 'polícia' nem iam falar com o cara, tavam nem aí.³⁰

Lembremos também que, é criminoso quem compra drogas da mesma maneira que é prevista esta caracterização aos que comprem produtos copiados ilegalmente. Colocamos todos estes argumentos para articular sobre a opinião pública frente à pirataria como um crime flexibilizado.

Levando em conta o que foi desenvolvido até aqui, podemos perceber que vendedores e consumidores de produtos piratas, em sua grande maioria, não se consideram criminosos. E esta é uma das realidades que colaboram diretamente para a legitimidade da prática de compra e venda de mercadorias paralelas.

É certo que o valor do CD pirata colabora com a prática, mas não de maneira definitiva, tampouco a legitima. Pelo que compreendemos em questão de opinião pública, não seria a diminuição do preço das drogas de maneira acessível às classes mais baixas que se tornaria fator de aceitação à sociedade. Talvez por esta razão a legalização da maconha ainda encontre grandes empecilhos.

Por um lado, a pirataria que se faz no Camelódromo Central é combatida por sanções legais, previstas na lei com penas e prisões. Neste caso específico, temos um conflito direto com a outra sanção, a moral.

³⁰ Entrevista realizada com o Sr. S.T., 27 anos, analista de sistemas.

As pessoas aceitam a prática da pirataria, diferentemente das questões relativas ao tráfico. Esta cultura que se instaurou sobre este meio ilícito não será desfeita rapidamente, bem como necessitará de diversos programas de conscientização combatendo o apoio à pirataria.³¹

Como as campanhas foram feitas em baixas escalas inicialmente, as autoridades enfrentam diversos problemas relativos a depoimentos de ícones e pessoas importantes que também apóiam publicamente a pirataria e são contra os direitos autorais, mesmo algumas delas sendo vítimas desta informalidade. Algo que entra diretamente com a questão dos intérpretes autorizados de Beatriz Sarlo.

Para Sarlo, a imprensa apresenta culpados cujo julgamento não é originário da justiça: “Comportam-se como vítimas, e não o são”³², ao mesmo tempo em que “não cumprem sua tarefa de informar razoavelmente”.³³

Considerando o foco da imprensa, atualmente são evidenciados os mesmos tipos de criminosos que são repudiados na sociedade (assassinos, ladrões, estupradores, traficantes, pedófilos, seqüestradores e políticos corruptos, por exemplo). Notícias sobre apreensões de pirataria não têm a mesma atenção por parte da imprensa, sendo feita apenas uma nota informativa sobre quantidade e tipo de música pirateada.

É certo que existe a perspectiva de que pirataria é crime e que não deve ser de maneira nenhuma estimulada. Porém, a predominância desta idéia é relativamente baixa se comparada à postura de descaso frente à pirataria como algo ilícito.

Parte disto é resultado da contribuição que a imprensa faz sobre a noção de criminalidade implícita na pirataria. Acreditamos que, quando ela mudar sua perspectiva e englobar os piratas entre assassinos e estupradores, talvez sim nesse momento a sociedade veja sua prática com olhos totalmente diferentes dos que por agora a contemplam.

Considerando estas questões, falemos também sobre como se reconhecem os membros deste espaço informal. Nos referimos aos que, sem exceções, trabalham com materiais informais ou contrabandeados.

Embora ilícitos, como já comentado, estes vendedores não representam um crime hediondo à sociedade, ao mesmo tempo em que também se comparam aos trabalhadores formais que recebem salário e têm carga horária comercial a ser respeitada. Por tais

³¹ Sobre a discussão das campanhas de combate à pirataria a serem veiculadas, ver o próximo capítulo.

³² SARLO, Beatriz. *Tempo Presente – Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005, p. 63.

³³ Ibid.

aspectos, resistem às fiscalizações com a mesma insatisfação e sensação de injustiça de pessoas que trabalham em meios formais.

Até mesmo pelo modo como são excluídos cria entre eles um vínculo de reconhecimento. O Camelódromo Central se torna um local de pertencimento que reverencia comerciantes informais que se sentem injustiçados pela falta de reconhecimento das autoridades frente suas atividades aceitas pela sociedade.

Vários entrevistados reclamaram sobre o que sentiram quando observaram uma abordagem ou eles próprios foram abordados pela fiscalização. Criou-se um laço entre eles, laço este que remete às suas experiências de se sentirem invadidos pelos fiscais.

Estes, da prefeitura, por medo de reveria dos vendedores, optam por acompanhamento da polícia militar, da federal e, em menor frequência, da civil. Portanto para além dos laços criados, também se gerou uma barreira que divide vendedores e fiscais. Isto não implica, em contrapartida, que os policiais se posicionam a favor dos fiscais que visam proteger.

Perdemos a conta de quantas vezes, durante as entrevistas realizadas no local, nos deparamos com policiais fardados conversando abertamente com vendedores, bem como comprando produtos dos mesmos. Esse fato freqüente nos faz pensar que a insatisfação é geralmente, mas não significa totalmente, direcionada aos fiscais.

Essa noção de pertencimento cria vínculos que fortalecem as relações entre aqueles que participam do espaço informal do Camelódromo Central. É importante observar tais relações se realmente quisermos entender a maneira pela qual estes vendedores se compreendem como trabalhadores injustiçados e mal reconhecidos, mas não se compraram, em nenhum momento, com os criminosos que estão acostumados a acompanhar na mídia.

I.6 - Dos fatores de custo e qualidade

Sobre o preço de fabricação do CD, trabalharemos no capítulo seguinte como se dá a relação custo-benefício para o vendedor, bem como as mudanças visando uma maior arrecadação. Mas já observando o lado do consumidor, é ele quem mais se beneficia com o valor final que é oferecido pelo produto pirata em relação ao original. Mesmo assim, não consideramos esse o fator decisivo para a permanência da pirataria no seio da economia informal, muito menos para sua sobrevivência.

O advento do CD no comércio trouxe uma nova perspectiva. Não apenas o seu tamanho compacto, como o próprio nome *compact disc* sugere, mas o CD também representa um grande avanço tecnológico do momento. Significa, por outro lado, um novo comércio que se faz: consumo de novos aparelhos e de um novo objeto.

É interessante como este CD ingressou no comércio e como ele se fez de forma inicialmente não-acessível para a maioria das pessoas. Para apontar as razões do crescimento inicial da pirataria que se fez sobre este tipo de mídia, coloquemos alguns temas, entre eles, a globalização e o desenvolvimento da tecnologia.

Ao mesmo tempo de difunde a mesma tecnologia que se desenvolve numa escala maior, é responsável pelo aumento do desemprego pela própria maneira que exclui. É Luiz Carlos Delorme Prado que a sintetiza de maneira prática, ao comentar que:

[...] a globalização, que pode ser uma força propulsora de desenvolvimento e da redução das desigualdades internacionais, está sendo corrompida por um comportamento hipócrita que não contribui para a construção de uma ordem econômica mais justa e para um mundo com menos conflitos.³⁴

Já no caso do advento da tecnologia, observamos como o CD se tornou mais acessível às pessoas. Por outro lado, também se difundiu o acesso e utilização da gravadora de CD e, posteriormente, de DVD's. Também consideremos as dificuldades de se piratear um VHS ou um K-7 antigamente, em contraste com as facilidades atuais de se copiar um CD.

Certamente a lacuna deixada pela globalização e o apoio da difusão tecnológica contribuíram para o desenvolvimento acelerado da pirataria. É com a difusão da tecnologia que o mercado fonográfico toma maiores expressões, enquanto o aumento do desemprego advindo da globalização contribui de maneira fundamental para uma nova difusão, feita de maneira ilícita e com maiores proporções.³⁵

Porém, a mesma globalização também pode afetar os vendedores que não vivem apenas dos CD's, pois os que se sustentam do contrabando sofrem com as variações do dólar quando viajam em busca de seus produtos, o que afeta diretamente no movimento

³⁴ PRADO, Luiz Carlos Delorme. *A política econômica deles, e a nossa... uma resenha de A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. Rio de Janeiro: Revista de Economia Contemporânea, vol.11 no.3, Set./Dec. 2007, p 563.

³⁵ Sobre este processo, ver SANTOS, Christiano Rangel dos. *Nas brechas da indústria fonográfica: o fenômeno da pirataria de discos*. 2007. Monografia (Bacharelado em História), UFU - Universidade Federal de Uberlândia: 2007

dos consumidores. Como um meio informal, a alta do preço destes produtos sofre uma rejeição muito maior. O vendedor J.J. comenta que

[...] Quando o dólar aumenta, a gente quase infarta aqui, é um 'bafafá' danado. Principalmente quando é DVD e CD virgem, o povo chia com qualquer dez centavos que a gente aumenta. Na hora que baixa, a gente já baixa correndo pra ver se a galera volta a comprar, mas demora um pouco pra gente conseguir o mesmo movimento.³⁶

Uma das grandes polêmicas sobre a pirataria é referente ao CD informal prejudicar o leitor do aparelho. No caso dos consumidores, não parece ter sido algo que influenciou suficientemente, pois se manteve o consumo por pessoas que compram de ambos ou apenas piratas. Os que compravam apenas originais sempre prezaram seu valor enquanto objeto de qualidade, mas nenhum dos entrevistados queixou-se de ter seu aparelho prejudicado por CD's ou DVD's piratas. Houve reclamações sobre o CD não rodar ou conter músicas pulando, mas não sobre problemas no aparelho.

Já sobre o alto valor do produto original, C.R. comenta sobre suas mudanças, lembrando de este consumidor é de classe média e já foi colecionador de jogos:

[...] Eu conversei com o F. [o nome foi também ocultado, amigo de C.R. que também colecionava, em menor escala, jogos dos mesmos consoles] esse dia e ele me disse que por hoje a gente ser mais seletivo, a escolha de um jogo pra se jogar, é até aceitável gastar 220 reais num jogo que você realmente está interessado... Antigamente a gente comprava tudo que via na frente, 'mais' hoje é diferente. E isso ajuda o mercado a não ficar lançando tanto lixo. E com isso preço vai ficando menos salgado. [Pausa e fica pensativo] Mas esse lance de preço 'aflinge' é tudo e não só CD's e DVD's... Um tênis do chinês que custa 35 cinco e o mesmo tênis na loja custando 2.000 te faz comprar do chinês no fim das contas. O lance é menos inflação e 'babação' e mais conformidade de exportação a preço baixo pra não aumentar o valor agregado no produto.³⁷

I.7 - Da re-significação do fetiche do objeto

Entrando na discussão sobre o fetiche quando nos referimos à pirataria, nos preocupamos em evidenciar as situações que apontam mudanças na intenção de adquirir um produto original e uma mercadoria pirateada.

³⁶ Entrevista realizada com o Sr. J.J., 36 anos, vendedor.

³⁷ Entrevista realizada com o Sr. C.R., 29 anos, vendedor.

No caso de S.S., sua opinião é diferente da de C.R. Mesmo sendo de classe alta, com acesso à internet e conhecedor de sites P2P³⁸, programas de gerenciamento de download e páginas de discografias em formato mp3, ainda assim tem a preferência pelas músicas originais. Por outro lado, é colecionador de CD's originais e de jogos em DVD's piratas. Inicialmente, o questionei por qual razão dava preferência aos originais para o caso da música:

[...] Qualidade sonora... e qualidade de arte... [citando pausadamente] CD... caixinha... encarte... Eu ainda curto comprar sim... mas tem a 'mó' cara que não compro por causa do preço.³⁹

Quando o questionei sobre por qual razão não o fazia também no caso de DVD's de jogos, sua resposta séria foi rápida: "CD's de game? Pagar duzentas 'pila' pra um jogo que vou terminar em menos de dez horas? Aí, não... É um preço muito abusivo".⁴⁰

Depoimentos como estes nos fazem pensar que, se por um lado o alto valor do original não define a decisão de adquiri-lo, por outro o baixo valor do produto pirata não define que a pessoa irá comprá-lo. Isso é importante para desmistificar a concepção geral, o senso comum, de que pirataria se mantém por seu produto ser muito mais em conta, chegando às vezes ao impressionante valor de 10% em relação ao original.

Então o que definiria a aquisição de um produto original seria a sua qualidade, em contraste com sua não-aquisição advinda do alto preço, muitas vezes considerado pelos consumidores injustificado. Por outro lado, não adquiri-lo pelas vias formais não implica que este tipo de consumidor buscará no ilícito o mesmo produto. Esta é a diferença crucial.

Ainda aqui observamos como se dão as relações materiais quando nos referimos ao fetiche do objeto. O CD original carrega consigo todos estes aspectos: um considerável valor financeiro a ser despendido para comprá-lo, as qualidades da mídia e do encarte, os que são de tiragem limitada, a espera do lançamento, a coleção, a versão estrangeira com algumas faixas a mais (ao vivo, de estúdio ou singles) e vários outros pontos.

O pirata, em contrapartida, que cada vez menos apresenta qualidade em suas mídias, já não tinha encarte e não prezava por nenhum destes pontos que são cruciais no

³⁸ Sigla denominada *Peer to Peer*, ponto a ponto. Refere-se aos chamados *.torrents*, extensões responsáveis por downloads de vários arquivos a partir de um único, utilizando-se da conexão de outras pessoas que possuam o mesmo, ora recebendo seus dados, ora enviando-os. São utilizados, no caso da música, para baixar seleções ou discografias completas de determinado músico ou banda.

³⁹ Entrevista realizada com o Sr. S.S., 27 anos, estudante.

⁴⁰ Ibid.

original.⁴¹ Embora colecionadores se mantenham cuidadosos com seus bens ilícitos, ainda assim têm um carinho maior no cuidado dos oficiais. O mesmo colecionador C.R. comenta:

Comecei com piratas e aos poucos eu fui adquirindo títulos importantes pra mim originais... Lembra o que eu disse sobre coleção? Basicamente eu cuido deles igualmente sem racismo [ri] nem preferência por um ser original e o outro [pirata], já que a maioria dos meus jogos são piratas e tem títulos incríveis entre eles. hoje eu to extremamente seletivo, já que na época eu não sabia nada de pixel, frames, redenrizaçao e outras siglas de jogos e tal. E hoje escolho os títulos que eu já tenha lido a critica ou algum amigo meu tenha recomendado muito... e que tenha a mesma experiência que eu em jogos.⁴²

É certo que nosso entrevistado, como um colecionador, poderia ater-se aos originais, já que sua demanda de compra diminuiu enquanto buscava qualidade em vários quesitos. Quando o perguntei se isso significava que agora só comprava jogos originais, sua resposta foi interessante:

Não, piratas ainda. Originais só quando o jogo é realmente muito bom e só [se] na compra do jogo vier um item a mais como Guitar Hero⁴³, por exemplo, eu tenho todos originais por causas das guitarras e etc... Mas andei comprando mais originais hoje em dia que antes. Os preços deram uma queda.⁴⁴

Novamente aqui podemos observar que a compra do produto pode ser feita por incentivo de promoção. No caso, um acessório diferenciado que proporciona um maior interesse do consumidor. Contudo, nota-se que a aquisição do produto parte da acessibilidade que se deu com a diminuição do preço dos DVD's deste console. Este é um processo comum com a chegada de novos consoles mais potentes, uma forma de sobrevivência do console antigo até que seja totalmente substituído no mercado, processo que pode perdurar por até 10 anos.

Tal processo não se encaixa no processo dos CD's de música, pois as substituições que os acompanha se faz nos aparelhos de som. O processo dos DVD's sobre

⁴¹ Sobre a questão da qualidade da mídia e sua evolução, ver o segundo capítulo deste trabalho.

⁴² Entrevista realizada com o Sr. C.R., 29 anos, vendedor.

⁴³ Guitar Hero é um jogo de Playstation 2 que necessita de um controle em forma de guitarra, simulando notas ao apertar os botões de acordo com o que é pedido no jogo. Basicamente a guitarra foi feita apenas para este estilo de jogo. Custa separada varia de 120 a 200 reais, enquanto o conjunto jogo e guitarra originais custa entre 200 e 250. Vale considerar o preço do jogo separado na faixa de 180 reais.

⁴⁴ Entrevista realizada com o Sr. C.R., 29 anos, vendedor.

uma pequena mudança, como o lançamento de filmes antigos com sonoridade adaptada aos Home Theater's com capacidades variadas, por exemplo.⁴⁵

Sobre esta diminuição nos preços voltadas à promoção, o dono de *Box* G.E. comenta:

[...] O problema maior de CD's piratas de jogo aqui no Brasil é que a área de jogos não é respeitada como coisa séria e sim como coisa de criança... E no fim das contas ninguém tá nem aí pra isso aqui. Não tem uma aproximação de Softhouses, pra desenvolver jogos por aqui e com isso diminuir a facada no bolso... [pausa] Recentemente a Eletronic Arts junto com a Microsoft abriu uma filial em São Paulo. Isso já fez jogos da empresa cair de broxantes 400 reais pra até aceitáveis 220 reais. E a tendência é cair mais... se tivéssemos fabricação dos consoles aqui, o preço cairia mais ainda.⁴⁶

G.E é contra a pirataria, embora venda jogos piratas. Ele também comenta que também consome os produtos que vende, sendo eles informais também. Sobre isso ele ainda afirma que:

Eu, por incrível que pareça, sou contra a pirataria sim, sou muito mais a favor de comprar uma coisa original. Mas como vou fazer isso sendo que o item é muito caro pro meu padrão de ganho? Por outro lado, se o preço continuar baixando, ainda assim vai ter gente vindo aqui pra comprar jogo pirata de quinze reais.⁴⁷

Se por um lado pudemos observar esse padrão de consumo em meio aos jogos, não notamos por outro um comportamento muito diferente no ambiente da música, como pontifica o vendedor N.A.:

É muito caro os CD's e DVD's hoje em dia por simples futilidades como propagandas cinematográficas e coisas 'superfas', o Supla e o Zezé de Camargo & Luciano conseguiram ótimas vendas de CD's feitos para o público de menor renda. Fizeram um CD simples, porém original e foi vendido por 10 reais e vendeu muitíssimo bem... [pausa] com as mesmas qualidade de um de 35 do mesmo jeito.⁴⁸

Ainda assim, ambos os autores comentados continuarão vítimas da pirataria, pois já se re-significou o fetiche em torno do objeto original e de loja. Dentre os consumidores

⁴⁵ Entre tais tecnologias sonoras, temos a mais comum, 2.1 e as mais avançadas, como as 5.1 e 7.1, para exemplo.

⁴⁶ Entrevista realizada com o Sr. G.E., 34 anos, vendedor.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Entrevista realizada com o Sr. N.A., 26 anos, vendedor.

entrevistados, apenas os que ainda consomem apenas originais ou ambos (piratas e originais) pesquisam sobre novidades a partir de revistas, internet, indicações ou outros meios.

Em relação aos que compram piratas, alguns ficam sabendo de novidades a partir dos amigos, parentes, colegas de trabalho ou outras fontes de informação. Mas, em suma, a grande maioria se locomove aos pontos de venda sem ao menos ter noção do que pretende comprar.

Ah, não. Eu já chego lá na lojinha e vejo se tem novidade ou não... Não fico procurando, só quando vejo na propaganda, daí quando vou comprar alguma coisa se lembrar eu pergunto.⁴⁹

Há de se reconhecer sua re-significação foi um processo extremamente rápido e eficiente, se considerarmos que o fetiche do objeto foi construído lenta e gradualmente até chegar ao que significa nos dias de hoje. Não nos precipitemos, porém: ele ainda é forte e se mantém. Porém, dentro do ambiente da pirataria, ele parece ter sido superado em partes, senão quando em todo.

Com isso, buscamos apontar as principais razões para o decréscimo nas vendas de originais, bem como os principais efeitos que estimulam a venda de produtos ilícitos e que legitimam a pirataria dentro da sociedade. Certamente não devemos generalizar: a pirataria tem seu ritmo para cada cidade, de acordo com suas ricas e diferentes experiências, experiências e situações. Não obstante, não é apenas no Camelódromo Central que se pratica pirataria.

Mas é também neste espaço que se dão algumas noções de pertencimento que aqui ficam evidentes, resultantes de como são feitas as fiscalizações, assunto que ainda será tratado no segundo capítulo sob outra ótica.

Pudemos também acompanhar um processo que se dá com relação à fabricação do CD pirata, além da maneira como ele é gravado. Ainda aqui se trabalhou a questão do fetiche o objeto e o processo de re-significação da mesma que vem ocorrendo de maneira rápida pela pirataria, considerando o desprendimento e re-significação que ocorre com as mudanças referentes a como se compreende a mercadoria original e como se dão as relações com o novo produto: o pirata. Sempre considerando que desenvolvemos nosso trabalho dentro de um espaço específico, no caso, o Camelódromo Central.

⁴⁹ Entrevista realizada com o Sr. H.P., 29 anos, auxiliar administrativo.

Mesmo assim, vale as observações que aqui foram feitas, considerando o exemplo que este espaço de relações nos apresenta, onde a pirataria de CD's, pelo menos explícita, cessou por meio de intensa fiscalização que se deu até o ano de 2007.

Pode ser um primeiro ponto para compreendermos como se dão estas relações, bem como o que falta a nós, enquanto sociedade, quando pensamos a respeito de um meio ilícito desta magnitude.

Neste capítulo analisamos como a pirataria de ontem difere muito com a pirataria de hoje, bem como uma nova repressão aos piratas se faz a partir das fiscalizações, dentro de uma noção diferenciada de criminalidade. Juntamente com essa noção que separa pirataria dos crimes hediondos, criou-se uma noção de pertencimento neste espaço que corrobora com a legitimação deste meio informal.

Analisamos os fatores de custo e qualidade de fabricação do material pirata em relação aos produtos originais. Também compreendemos como se dão as (novas) relações com o produto pirata (e por consequência também com o original) a partir dos consumidores. Com estes dois fatores, apontamos como se dá a re-significação do objeto, assim como salientamos que este processo se dá de maneira extremamente rápida em relação ao seu desenvolvimento.

Postas e desenvolvidas estas questões, ainda haveremos de nos dedicar a trabalhar como a pirataria se insere em algumas discussões, a saber, a da “cultura de massa”, da indústria cultural e da postura da fiscalização.

CAPÍTULO II

A “CULTURA DE MASSA” E A INDÚSTRIA CULTURAL: ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

Nesse ponto, eu gosto de dizer que acabou essa época igual a dos anos 50, 60... que ninguém tinha dinheiro pra comprar tudo, que pobre não tinha o direito de comprar alguma coisa e ser feliz. Hoje todo mundo pode comprar, mesmo que seja paralelo ou alguma coisa parecida com isso no mercado.⁵⁰

Neste capítulo discutiremos questões relativas à “cultura de massa” e à indústria cultural. Logo depois, apontaremos uma relação possível entre a indústria cultural e o aumento da pirataria no espaço do Camelódromo Central, com base nas reflexões apresentadas por Umberto Eco. É importante também apontar uma relação sobre custo e benefício no que diz respeito à produção de CD’s piratas para venda. Também faremos observações sobre a postura da fiscalização (e seu trabalho de apreensão), bem como seus interesses que se fazem a partir da maneira como é cobrada legalmente.

II.1 - Sobre a “cultura de massa”

Ampliaremos a discussão de cultura em suas variações, a saber, “cultura de massa” e indústria cultural. São vários os autores que trabalham sobre a cultura e seu significado. Considerando o trabalho que aqui se busca desenvolver, nesse ponto há de se trabalhar os autores que leram e trabalharam diretamente sobre cultura. Ao utilizar uma fonte ou um autor específico, não se deve, em hipótese alguma, tomar como verdade universal aquilo que se trabalha.

Devemos, pois, comparar diferentes contribuições e observações, analisando-as e criticando-as, na finalidade de assim chegar num consenso do que melhor figura a perspectiva do objeto a ser trabalhado.

Aqui, percebo como importante salientar paralelos entre não só a perspectiva do tema em si, mas para si. Não só autores que trabalharam o tema, mas autores que buscam uma melhor maneira de trabalhar o tema e outros autores, com suas perspectivas acerca de como tratar o tema. Inicialmente, tratar-se-á a pesquisa sobre o tema em si.

Nesta concepção, Peter Burke trabalha o conceito nas suas mais diversas formas, considerando todas as vertentes relacionadas à sociedade em seu particular diferenciado, a dizer:

⁵⁰ Entrevista realizada com o Sr. C.N., 37 anos, vendedor.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.⁵¹

Acerca desta perspectiva, Néstor Canclini faz considerações importantes em uma nova perspectiva de abordagem. Inicialmente, leva em consideração que cada cultura tem sua singularidade, logo, não podendo ser comparada com outra, dada seu direcionamento referente a um assunto específico.

Com isso, os aspectos a serem comparados seriam um motivador à desigualdade. Não se pode julgar uma cultura quando se impõe outra como base de comparação, pois cada cultura tem sua referência interna desenvolvida de acordo com sua sociedade e sua necessidade. Da mesma maneira, não seria possível abarcar em um estudo todos estes aspectos os quais identifica uma cultura, tão menos analisar a importância particular em cada cultura quanto a um quesito específico.

Canclini também considera a possibilidade de enfocar determinados aspectos que seriam fundamentais para a definição de uma cultura:

[...] produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou re-elaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.⁵²

Canclini também é contra conceituações que se fazem intrínsecas apenas às crenças, valores ou idéias. Para o autor, estruturas materiais necessariamente inserem a produção de sentido. Temos então duas perspectivas que se fazem acerca da cultura, sendo elas bem diferentes uma da outra.

Uma que abrange todos os conceitos e uma segunda que restringe os conceitos e critica a primeira. Na concepção de Burke, acompanhamos cultura como qualquer manifestação que se possa encontrar numa sociedade. Para Canclini, a diferença se faz quando trabalhamos a perspectiva do sentido nestas manifestações. Portanto, se não houver significação, para este autor não há perspectiva cultural. É importante perceber que a

⁵¹ BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25.

⁵² CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 28.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

primeira compreensão se mostra conceitual, enquanto a segunda se posiciona mais sob a margem da praticidade.

A partir das dificuldades que se fizeram acerca da constatação do que seria possível reconhecer como cultura, Canclini ainda faz colocações sobre um processo referente a como tratar tal cultura enquanto riqueza de conhecimento ao historiador.

II.2 - Sobre a indústria cultural

Trabalhar a pirataria numa ótica da indústria cultural é, então, especificar primeiramente os conceitos sobre a mesma. Os primeiros a tratarem da indústria cultural são críticos ferrenhos que a enxergam como objeto de alienação das massas. Para um exemplo, temos referência de dois trechos de Theodor Adorno:

[...] a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva.

Os bens culturais estão em exata correlação com o trabalho comandado e os dois se fundamentam na inelutável coação à dominação social sobre a natureza.⁵³

Adorno vê a indústria cultural como o primeiro passo à ruína cultural de uma civilização. Sua população se veria envolta em fórmulas repetitivas que, alienando-a, a levaria ao desejo da repetição e da facilidade atribuídos à técnica da indústria cultural.

Este autor critica ferrenhamente o Jazz como produto de alienação, apontando como se dá o processo de enfraquecimento da riqueza cultural que se apreciava nas músicas clássicas. Se anteriormente havia sentido nas músicas, com seu processo lento que desenvolvia durante o passar do tempo e resultava num final de apreciação (como nas músicas de Maurice Ravel, exemplo dado por Adorno), as músicas de Jazz perdem sua lógica, pois não possuem este processo. Na sua concepção, a indústria cultural

[...] força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior. Com prejuízo para ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através

⁵³ HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 119.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude, que lhe era inerente enquanto o controle social não era total.⁵⁴

É também com o Jazz que se dá o exemplo do advento da indústria fonográfica buscando todos os seus recursos para adquirir um lucro extremo a partir das vendas. Essa busca incessante por lucro é o que Adorno apontou como fator de destruição da arte. A composição de músicas e mais músicas com a única finalidade de vender discos seria o fim da *l'art pour l'art*.

Em contrapartida, vários autores como Walter Benjamim são responsáveis por uma perspectiva contrária, onde se enfatiza a importância dos meios de comunicação na construção de uma comunidade com mais acessos. Como, por exemplo, dizer que “A realização de um filme, principalmente de um filme sonoro, oferece um espetáculo jamais visto em outras épocas”.⁵⁵

Era a valorização do mesmo processo, sob a ótica de compreendê-lo não como fator de alienação, mas como de divulgação, resultando assim num espaço de maior conhecimento.

Temos duas perspectivas que assim se mostram diferentes. A título de exemplo, tomemos a música clássica. Para os defensores da linha de Adorno, a música clássica sofre dois atentados com o advento da indústria cultural. Primeiramente há uma divulgação (que se faz por interesses financeiros) desorientada deste estilo, levando o inicial caráter especial e singular de sua apreciação para uma perspectiva consumista e descaracterizada daquela busca essencialmente cultural. Há também a ascensão de vários estilos com uma temática voltada para a alienação das bases.

Os pensadores da linha contrária à de Adorno consideravam que a população teria a ganhar culturalmente tanto com a divulgação destes estilos inacessíveis às massas quanto pela criação de novos estilos que se faziam no momento estudado.

Jesús Martin-Barbero trabalha estas questões numa outra ótica, mostrando como a própria massa não se mostra alienada. Ela participa do processo no momento em que não define suas preferências, mas permite aos meios massivos de comunicação se comportarem como seus porta-vozes, futuramente selecionando o que aceita ou não. As massas buscavam nos meios de comunicação aprender, ao mesmo tempo em que para se

⁵⁴ ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural In: *Sociologia – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 92-93.

⁵⁵ BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 186.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

identificar. Ao tomar conhecimento desta postura, estes meios se encarregarão de saciar tal desejo das massas, ganhando como retribuição a capacidade de nacionalizá-lo.

É daí que surge a força dos meios de comunicação: da própria identificação que a massa cria por eles. É um círculo vicioso. A indústria fonográfica comporta-se de tal maneira a ser responsável por trazer às massas grupos musicais nos quais elas possam se identificar. A divulgação se faz para elas a partir do rádio e da televisão, meios básicos de massificação.

Ao pesquisar, esta indústria percebe quais são os grupos que se mostram mais influentes às massas. Em seguida, busca reafirmar tais grupos em seu meio, não só para sobreviver financeiramente, mas para sobreviver culturalmente. A indústria fonográfica precisa tanto de suas massas quanto as massas de se identificarem com os produtos oferecidos pela mesma.

Nesse contexto, Umberto Eco estudará as duas correntes de interpretação, analisando-os e posteriormente criticando-os. Assim surgiram as denominações “apocalípticos” e “integrados”. Os primeiros representam a perspectiva de aversão à indústria cultural enquanto os últimos são responsáveis por aludir aos avanços tecnológicos que, por assim entender, integram as massas ao processo. Para este autor, no quesito arte, houve:

[...] uma especificação dos níveis, de tipo análogo: de um lado, a ação de uma arte de vanguarda, que não pretende nem deve pretender a uma imediata compreensibilidade, e desenvolve ação de experimentação sobre as formas possíveis (sem que por isso deva, necessariamente, ainda que ocorra em certos casos, prosseguir ignorando os outros problemas, e julgando-se a única criadora de valores culturais); do outro, um sistema de “traduções” e “mediações”, às vezes com afastamento de decênios, pelo qual modos de formar (com os sistemas de valores conexos) vão encontrar-se a níveis de mais vasta compreensibilidade, integrados agora na sensibilidade comum, numa dialética de recíprocas influências bastante difíceis de definir, e que, todavia, se instaura efetivamente através de uma série de relações culturais de vários tipos.⁵⁶

Se por um lado há a especificação dos níveis na arte, ainda deve-se trabalhar a questão do sujeito dentro da “cultura de massa”. Em sua perspectiva econômica, Eco comenta sobre a noção de lucro e da busca desenfreada pelo consumo:

⁵⁶ ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 54.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

O problema da “cultura de massa” é exatamente o seguinte: ela é hoje marcada por “grupos econômicos” que miram fins lucrativos, e realizado por “executores especializados” em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável, sem que se verifique uma intervenção maciça dos homens de cultura na produção. A atitude dos homens de cultura é exatamente a do protesto e da reserva.⁵⁷

Dentro do tema de pirataria, podemos afirmar as questões relativas tanto dentro quanto fora dela: em indústrias fonográficas se busca o grupo ou cantor ideal cuja qualidade se encaixe nas altas vendagens, enquanto o setor informal preocupa-se em oferecer um produto similar com preço de mercado acessível às classes mais baixas.

E, dentro desta perspectiva de interdependência entre indústria fonográfica e massa (onde o consumo é parte fundamental na manutenção do processo), a chegada do nosso objeto de estudo se faz num grande impacto.

O advento da pirataria traz consigo a queda das vendas de produtos oficiais. Se por um lado a pirataria tem espaço para se libertar desta influência a qual a indústria fonográfica é escrava, por outro ela também pode não passar de um reflexo (ilícito, é óbvio) da indústria cultural. São possibilidades que com o tempo se tornam opções mais nítidas para cada espaço em que se fazem este tipo de atividade ilícita.

Em contrapartida, a indústria cultural

[...] inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto.⁵⁸

Adorno, ainda aqui, trabalha como se dá essa alienação das massas pela indústria cultural. É uma dominação sob máscara de conquista que se dá sobre o consumidor. Nesse ponto, a pirataria não tem todo esse aparato, pois sua única intenção é reproduzir as vendas das gravadoras em maior escala com preços mais baixos. Certamente pode colaborar, mas não possui esta orientação dada no seio da indústria cultural. Já na questão tecnológica, na “cultura de massa”,

⁵⁷ ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 59.

⁵⁸ ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural In: *Sociologia – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 93.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

[...] A diferença de nível entre os vários produtos não constitui à priori uma diferença da relação frutiva, na qual cada um de nós alternadamente se coloca. [...] Cada um de nós pode ser um e outro, em diferentes momentos de um mesmo dia, num caso, buscando uma excitação de tipo altamente especializada, no outro uma forma de entretenimento capaz de veicular uma categoria de valores específica.⁵⁹

Na indústria cultural, o tema é utilizado de maneira a aludir sobre um produto consumido em grandes projeções, aceita no seu âmbito mercantil. Ela também absorve as manifestações elitizadas em função de seu cunho lucrativo. Essa indústria se dá como choque de conceitos perante a “cultura de massa”, pois a principal meta (dada sua origem num plano capitalista já desenvolvido) é a aquisição de lucro a partir de uma posição descaracterizada dos mesmos conceituais desta “cultura de massa”. Na indústria cultura, as mercadorias culturais da indústria se orientam

[...] segundo o princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a prática da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais. A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida de seus produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação. Mas eles não almejam o lucro senão de uma forma mediada, através de seu caráter autônomo. Novo na indústria cultural é o primado imediato e confesso do efeito, que por sua vez é precisamente calculado em seus produtos mais típicos. A autonomia das obras de arte, que é verdade, quase nunca existiu de forma pura e que sempre foi marcada por conexões causais, vê-se no limite abolido pela indústria cultural.⁶⁰

Por isso Adorno afirma que a Indústria Cultural ridiculariza o erudito. Além desta posição radical, existe uma observação moderada acerca da indústria cultural, onde se comenta que esta cultura, ainda que tenha contrapontos, traz à população conhecimento até então detidos apenas por minorias da sociedade, e que isso deveria ser considerado um fator positivo.

Umberto Eco ainda considera que se:

Pode re-propor o tema de uma “cultura de massa” como “cultura exercida a nível de todos os cidadãos”. Embora isso não signifique que “cultura de massa” seja cultura produzida pelas massas; não há forma de criação “coletiva” que não seja medida por personalidades mais dotadas, feitas

⁵⁹ ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 57-58.

⁶⁰ ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural In: *Sociologia – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 93.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

intérpretes de uma sensibilidade da comunidade onde vivem. Logo, não se exclui a presença de um grupo culto de produtores e de uma massa de fruidores; só que a relação, de paternalista, passa a dialética: uns interpretam as exigências e as instâncias dos outros.⁶¹

Eco afirma a debilidade da indústria cultural no tocante à formação crítica das massas, principalmente em crianças, comprometendo assim a sociabilidade do homem. Isto devido a uma exagerada carga de informações que não poderão ser digeridas criticamente.

Na questão da pirataria não é diferente, pois a distribuição reproduz o mesmo perfil das gravadoras, não colaborando em instâncias críticas voltadas a uma conscientização das pessoas que consomem seus produtos.

Por outro lado, há de se reconhecer, segundo o autor, que uma variedade de informações cria uma adaptação positiva à concentração e ao aprendizado, passível de representação. Também é positivo a todos o acesso a todo e qualquer objeto cultural até outrora acessível apenas às classes dominantes. Algo como vislumbrar uma realidade onde haveria cultura realmente acessível para todos. A cultura, em seus mais variados meios, não deve ser individualizada, mas sim divulgada para que todos, sem exceção, tenham acesso.

A perspectiva de Adorno é extremamente radical e voltada ao subjetivismo crítico. É nítida a presença de sua personalidade intelectual e cultural em seu trabalho acerca da indústria cultural. Se sua idéia se tornasse dominante, presenciariamos as obras culturais cada vez menos acessíveis às pessoas.

Segundo Eco, Benjamin peca pela mesma perspectiva unilateral. Falta-lhe a idéia de como esta cultura pode ser deturpada de seu significado inicial, o artístico, para tornar-se mercadoria. Sua divulgação desordenada deve ser criticada. Eco, porém, trabalha com ambas as idéias, positivas ou negativas, ora valorizando-as, ora criticando-as.

Não se atendo à crítica, Eco também traz um programa de sugestões. Considerando que as massas são manipuladas, Eco sugere que se mantenha tal perspectiva, porém, numa linha social:

[...] uma série de pesquisas possíveis (cada uma das quais poderia constituir argumento para um seminário universitário), suscetíveis de fornecer elementos de discussão para um debate sobre a “cultura de massa” que leve em conta seus meios expressivos, o modo pelo qual são

⁶¹ ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 57-58.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

usados, o modo com que são fruídos, o contexto em que se inserem, o pano de fundo político ou social que lhes dá caráter e função.⁶²

Haveria de serem feitos programas sociais, culturais e políticos visando uma conscientização da sociedade, das massas. Eco, porém, não trabalha com todos os seus artifícios sobre as dificuldades a serem solvidas no intento de tornar tal projeto uma realidade.

Embora haja, hoje, redes que priorizem tal programação (como a rede TV Cultura, de São Paulo, a exemplo), ainda são direcionadas a um público específico, não às massas. E são voltadas a uma cultura não necessariamente conscientizadora (uma rede de TV do Estado não critica o próprio Estado, a exemplo). Haveria, portanto, a necessidade de se avaliar didaticamente, inicialmente, o material destinado à conscientização, evitando um possível direcionamento vinculado a uma perspectiva específica.

Portanto, apesar de maduro, o trabalho de Eco ainda não pôde ser realizado. Considerando ainda que, em sua perspectiva, estes programas seriam discutidos, definidos e priorizados apenas pelo corpo universitário, o que também é fator de tendências que valorizem este segmento e deve ser colocado em questão antes de agir.

Mas certamente estes programas contribuiriam para uma mudança na perspectiva de criminalidade que a pirataria atualmente carrega.⁶³ Além de não possuir um programa de conscientização, as propagandas veiculadas em cinemas e em emissoras de televisão não são suficientes para uma alteração no conceito que se instaurou. Será necessária uma maior dedicação dos meios formais se realmente quiserem superar a pirataria.

II.3 - Sobre a relação entre indústria cultural e aumento da pirataria

Considerando a ótica da indústria cultural, observamos como se deram as relações no meio informal de Uberlândia estudado, o Camelódromo Central. Inicialmente, buscamos entender se a oferta se fazia idêntica aos produtos oferecidos nas lojas, no intuito de observar se a pirataria reproduzia a indústria cultural. Uma outra possibilidade seria a maior oferta de variedades de bandas e cantores nacionais e internacionais, viabilizada pela quebra da barreira de acessos pelos meios tecnológicos.

⁶² ECO, Umberto. Cultura de Massa e “Níveis” de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964, p. 67.

⁶³ Discutimos esta questão sobre noções de criminalidade no que se refere à pirataria no primeiro capítulo.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

Considerando as experiências do local, bem como as entrevistas, notamos um padrão referente ao perfil de cliente e de vendedor. Aqui quem comenta é o vendedor L.Q., que acompanhou vendas de CD's durante todo o intervalo de tempo entre 2001 e 2006 e que comenta sobre o que mudou:

Aumentou de número de lojas, mais decaiu em qualidade de itens e de atendimento. [pensa] Eu posso dizer sem nenhuma dúvida que você hoje encontra um ou dois vendedores que sabem o que 'tão' vendendo e que sabem falar bem ou mal do que tão vendendo. Porque vender um CD ruim 'pra' uma pessoa apenas 'pra' liberar espaço não é perder um cliente, 'mais' uma legião de clientes... [pausa] Eu vendia um jogo ruim 'pro' cara só se ele quisesse mesmo, se o jogo era ruim eu metia o pau mesmo. E nunca tive vendas ruins... e sempre era procurado porque eu sabia o que 'tava' vendendo.⁶⁴

E, assim como estas observações, os outros entrevistados afirmaram a mesma questão sobre a qualidade. Inicialmente, o CD possuía alguns atributos. Entre eles, afirmamos o depoimento do vendedor K.R.:

Quando você dedica fazer um jogo com mídia boa, capa de CD ou DVD decente, capa do jogo com frente verso, o CD ou o DVD com a imagem da capa ou do jogo impressa na parte de cima, isso dá um gasto de uns quase 8 reais pra DVD e uns 4 'pra' CD... E isso dá uma margem até razoável, já que no fim sai por 15 um DVD e 7 um CD. [pensa] 'Mais' a maioria faz hoje o CD de qualquer jeito, custa 'vim' uma capa de plástico e um escrito mal feito em cima do CD 'pra' 'identificar' o nome. O lucro é de quase 100% porque no fim é gasto uns 2 reais em DVD e 99 centavos um CD e é vendido a 10 o DVD e 5 um CD. [...] Contando energia... porque a gente se baseia que não 'tá' fazendo só isso, tem mais coisas acontecendo e no fim não contamos com esse lance de energia.⁶⁵

Assim, poderíamos considerar algumas situações: O advento do CD pirata não se faz sem considerar alguns aspectos do fetiche do objeto, como capa, contra-capas e imagem prensada na própria mídia. Ele tenta conquistar com isso uma parcela da comunidade que ainda resiste à pirataria por prezar pela qualidade tanto da mídia quanto do encarte.

Porém, com a intensificação da mesma, a confecção de capas e outros cuidados como da gravação foram deixados de lado pelos vendedores que tornaram esta prática exclusiva em suas lojas. Em referência a isso, segue o comentário de T.P., que trabalhou num dos *Box* do Camelódromo Central:

⁶⁴ Entrevista realizada com o Sr. L.Q., 30 anos, vendedor.

⁶⁵ Entrevista realizada com o Sr. K.R., 28 anos, vendedor.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

[...] antigamente era mais ‘foda’, porque a gente não tinha essas de baixar música e tal, tinha que trazer do ‘paragua’ e isso tinha muito mais custo que ganho... mas também, naquela época era vendido muitas coisas junto aos CD’s, então o ‘preju’ não era tanto. A loja do W. [o nome foi ocultado], por exemplo, só vendia CD’s e nada mais e tínhamos um lucro até generoso no fim do mês. Se fosse na época [o “antigamente” citado] a gente não tinha durando um mês. [...] Nunca vendemos abaixo de 10 [mil reais] na época que trabalhei lá.⁶⁶

O que percebemos é que inicialmente foi feito um investimento no CD de maneira não só a conquistar o consumidor, mas também de maneira a se tornar um dos principais produtos nas lojas. Consumidor conquistado e novos recursos alcançados, os vendedores agora verificavam novas oportunidades de lucro. E, entre os vendedores entrevistados, a maioria que acompanhou as mudanças afirma lucro, em detrimento da cultura, como a prioridade que foi dada sobre a escolha dos produtos:

[...] quem tem tempo de ler sobre o que quer comprar e gosta realmente daquele estilo do jogo ou de música, compra sabendo o que ‘tá’ comprando, ‘mais’ a maioria é levado pela mídia mesmo, por isso que o “Créu” e jogos como “Barney e seus Amigos” é vendido. Esse lance de TV e rádio é uma máfia, ‘mais’ graças a Deus as pessoas têm acesso à internet e lá a verdade vem à tona, então é mais fácil não ser enganado pela falsa apresentação. Mas no Camelódromo só se a loja for dirigida por alguém que tenha essa visão de coisa ruim ou não. [pausa] ‘Mais’ a maioria tem que no fim ser parceira dessa máfia, porque no fim a pessoa quer porque quer o item e mesmo você dizendo que aquilo não é bom, eles dizem que é e no fim ou você não vende por orgulho próprio ou gosto, ou vende e dane-se se ele vai gostar ou não. [...] Nessa horas infelizmente você enfia o orgulho no bolso.⁶⁷

O comentário é de J.S., que trabalhou como vendedor para um dos donos de *Box* do Camelódromo Central. Ele nos aponta como as pessoas procuram os itens veiculados pela indústria cultural, bem como o problema enfrentado pelas lojas se não atenderem às preferências e expectativas dos clientes. Ainda que informal em um *Box*, este espaço também representa uma empresa que precisa vender seu produto para sobreviver no mercado de trabalho.

Este é um problema que perpetuou a indústria cultural nos meios informais. Diferente da possibilidade de divulgar diferentes estilos e ampliar os horizontes culturais da música, as lojas de CD’s piratas continuaram vendendo (numa escala maior que a das

⁶⁶ Entrevista realizada com o Sr. T.P., 32 anos, vendedor.

⁶⁷ Entrevista realizada com o Sr. J.S., 30 anos, vendedor.

lojas) os mesmos produtos oferecidos nas lojas oficiais. Isso se dá pela própria procura que se faz.

II.4 - Sobre o custo-benefício da produção do produto

Para trabalhar pontos que colaboraram com a re-significação do objeto (ou seja, as relações com o novo objeto informal em detrimento do fetiche vinculado ao original), seria necessário considerar alguns fatores que possivelmente contribuíram à evolução do CD com encarte ao CD sem encarte. Como autônomos, os donos de *Box* não recebem reajustes salariais que acompanham minimamente a perda do poder de compra aplicada ao salário mínimo. Além disso, muitos deles têm vendedores contratados e registrados, sendo necessário pagar todos os impostos referentes aos encargos.

Consideremos também a variação cambial que afeta diretamente a comercialização de seus produtos, bem como aumento de impostos como o da energia, um dos mais significativos. Existem muitos fatores externos que podem ter colaborado para essa evolução. Independente da razão, a mudança se fez e a qualidade diminuiu consideravelmente.

Esta questão também cai na polêmica sobre a má qualidade do CD que seria responsável por prejudicar os aparelhos de reprodução. Sobre isso, o técnico M.S. aponta:

Bom... isso é cinquenta por cento de verdade e de mentira... [pensa] Isso depende da mídia, programa, velocidade de gravação, marca da gravadora de CD/DVD e o arquivo que você vai tirar a cópia. Antigamente, muita pouca gente não sabia ‘patavinas’ de computador e os poucos instruídos não tinham vontade de ficar esperando uma gravação descente e já ‘botavam’ tudo na última velocidade... e baixar qualquer ‘merda’ da internet... Todo e qualquer aparelho que use um leitor ótico com o tempo vai se desgastar, sendo tanto original ou pirata... Isso é fato. Se não fosse, como os aparelhos que nunca viram um pirata na vida iam dar defeito de ótica?⁶⁸

Portanto, o uso de CD’s e/ou DVD’s nos aparelhos de som e vídeo naturalmente danifica seu leitor. Entre outras questões, uma bastante apontada por técnicos é a mudança de local de um aparelho com leitor ótico. Eles são sensíveis às mudanças de local,

⁶⁸ Entrevista realizada com o Sr. M.S., 34 anos, técnico de informática.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

temperatura e frequência de utilização. M.S. ainda comenta sobre a pirataria nesta questão, considerando sua experiência e conhecimento dentro de sua área.

No Japão e Estados Unidos, que basicamente não têm pirataria, tem técnicos nessas áreas, então essa parte de dar defeito porquê “eu usei pirata” é lenda. Outra coisa sobre isso, a pessoa que comprou tem que ter cuidado e tal, veja você e eu, por exemplo, a gente tem CD pirata que já passou dos 10 anos e ‘tão’ com se fosse novos e os aparelhos também tiveram uma vida útil muito mais abrangente que muito som por aí... Tem que ter um cuidado com o que se usa também, não deixar de qualquer jeito, sempre perguntar com que velocidade foi gravado, que mídia usou... [hesita] opa, mídia que foi usada. Sempre limpar o aparelho ou levar onde faça essa limpeza, [...] velocidade de gravação pra CD é 1x e pra DVD 4x [...] pra facilitar a vida de quem não tem condições de comprar o item original.⁶⁹

Se a velocidade para gravação fosse de 1x, certamente teríamos uma pirataria em menor escala. Considerando sua escala inicial, compreendemos a partir das entrevistas que 1x, 2x e 4x foram as velocidades adotadas no processo de cópia. Não só pela disponibilidade de tempo, mas também por prezar um mínimo de qualidade, considerando ainda os encartes como atrativo aos novos clientes.

Portanto, no primeiro momento, a pirataria se faz com uma determinada qualidade: é um investimento que busca atrair clientes, enquanto a baixa demanda resulta em mais tempo para se preocupar com o produto.

Num segundo momento, porém, já existe uma demanda de clientes que supera a possibilidade de gravar em baixas velocidades, necessitando do aumento para 24x, 36x ou até 48x⁷⁰. Com os possíveis reajustes ou a própria intenção dos vendedores em aumentar seus lucros, os encartes e capinhas foram perdendo lugar para um plástico do mesmo tamanho do CD que, sem imagem, apenas possuía uma identificação por caneta⁷¹.

A baixa qualidade pela qual os produtos são hoje reconhecidos não pode ser, portanto, evidenciada apenas pela intenção de lucrar mais, embora este tenha sido um dos fatores que mais tenha sido evidenciado durante as entrevistas. Por outro lado, a aceitação do público frente à nova qualidade também definiu esta mudança como definitiva, uma vez que a compra não cessou. As atitudes dos vendedores informais, ao menos pelo que

⁶⁹ Entrevista realizada com o Sr. M.S., 34 anos, técnico de informática.

⁷⁰ Nenhum dos vendedores entrevistados citou utilizar a velocidade 52x, portanto a desconsideramos.

⁷¹ Este processo foi lento e inicialmente se fez com a mudança do encarte para uma impressão de menor qualidade. Posteriormente, seguiram-se as seguintes mudanças: encarte informativo, com imagem ilustrativa nada similar ao original; sem encarte, com identificação da mídia feita à caneta; caixinha do CD mais fino; caixinha no formato do CD, de menor qualidade; finalmente, uma fina capa de plástico transparente.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

constatamos sobre a continuidade de alguma postura, dependem das aceitações/permissões dos consumidores.

As mudanças que visavam o lucro obtiveram retorno, pois os vendedores arrecadaram mais com a venda dos CD's de menor qualidade ao mesmo tempo em que os clientes também contemplaram menores preços sobre este produto informal. V.C., que foi entrevistado recentemente, comenta como se dava a venda de CD's no Camelódromo Central até então:

Isso aí dá dinheiro demais, elas ali [levantando as sobrancelhas e apontando com os olhos para uma loja ao lado], vendiam poucas mercadorias. Era só CD, CD, CD... depois daquilo [um incidente com a fiscalização, trabalhada no primeiro capítulo], só produto. Daí o movimento caiu muito. Elas ganhavam dinheiro demais com isso. Era baratinho demais.⁷²

E, se visa ao lucro, certamente se apóia na indústria cultural. Como aponta Christiano Rangel em sua monografia:

O modelo de atuação das companhias fonográficas é baseado nos *blockbusters*, ou seja, investimento maciço em poucos artistas, com as empresas concentrando os esforços em apenas alguns nomes, dos quais esperam auferir o maior lucro possível, expondo-os intensamente na mídia. [...] Não demorou para que os custos fossem repassados aos CD's, que chegam ao consumidor a preços bastante elevados.

[...]

Ao apostar excessivamente nos *blockbusters*, a indústria tornou mais fácil a vida dos piratas.⁷³

Esta observação nos aponta como não só o preço do CD original aumentou, mas também como os próprios meios informais se apoiaram neste marketing de impacto. Ao confiar na divulgação, o efeito *blockbuster* definiu aquilo que passou a ser o perfil mais pirateado, dada sua alta procura pelos consumidores vítimas desta mesma propaganda massiva. Ao mesmo tempo, desestimulou suas próprias vendas ao aumentar significativamente o preço nas prateleiras das lojas oficiais (o que não significa necessariamente que estes consumidores desestimulados foram motivados a comprar o produto similar pirata).

⁷² Entrevista realizada com o Sr. V.C., 58 anos, vendedor.

⁷³ SANTOS, Christiano Rangel dos. *Nas brechas da indústria fonográfica: o fenômeno da pirataria de discos*. 2007. Monografia (Bacharelado em História), UFU - Universidade Federal de Uberlândia: 2007.

Sobre as gravadoras, o Deputado Rick Falkvinge, fundador do partido político Piratpartied, tem uma opinião incisiva. Quando questionado sobre a sobrevivência da indústria fonográfica no mercado, respondeu:

O modelo de negócio das gravadoras ficou obsoleto. Basicamente, o negócio delas é transportar informações de um lado para outro, usando discos como meio. Acontece que esse serviço perdeu o valor, pois agora qualquer pessoa pode transmitir e receber informações digitais via internet. Se as gravadoras conseguirem mudar e oferecer alguma coisa que tenha valor dentro da nova realidade, vão sobreviver. Caso contrário, vão acabar – da mesma maneira que, ao longo da história, setores inteiros da economia foram extintos pela chegada de uma nova tecnologia.⁷⁴

Sobre essa questão, consideramos que as gravadoras persistirão, pois são legítimas contra a movimentação virtual que, embora real, se faz de maneira ilícita, lembrando também a importância que o fetiche do objeto ainda possui neste processo. As gravadoras também poderiam flexibilizar suas atividades, bem como se direcionarem a outros ramos. A.M. aponta outra questão além desta, com uma postura crítica:

[...] Mas você sabe na verdade por quê os CD's ainda têm procura? Porque o brasileiro é o povo mais preguiçoso do planeta! Quer saber porquê? Porque tudo hoje em dia 'tá' na net pra ser baixado e tal, mas o povo não tem paciência pra baixar por si próprio e recorre a comprar, ao invés de ter de graça... [risos] nós mesmos somos culpados da pirataria, no fim das contas.⁷⁵

E entendemos que não existiria pirataria se as gravadoras deixassem de confeccionar os CD's que são pirateados. Certamente se sustentaria de outra maneira, considerando um mercado que se apóia em produções que podem ser obtidas na net, bem como a flexibilidade de seus consumidores lhes permite criar seleções ou vender discografias em mp3, sem ao menos se preocuparem com sua oficialidade ou sua veracidade. Em se tratando de fetiche do objeto, este recurso colaborou para sua resignificação.

Portanto, aqui se fazia um jogo de interesses entre venda e consumo, reproduzindo em maior escala a indústria cultural que se faz no espaço das lojas oficiais. O

⁷⁴ “O deputado pirata”. *Super Interessante*. São Paulo – SP: Editora Abril, Dezembro de 2006, p. 18.

⁷⁵ Entrevista realizada com o Sr. A.M., 26 anos, vendedor.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

Camelódromo Central possuía várias lojas dedicadas unicamente às vendas de CD's e, em menor escala, de CD's e outras mercadorias.

II.5 - Sobre a fiscalização e seus interesses

Até o ano de 2006, onde pesquisamos, a pirataria de CD's de música e de DVD's de filmes sustentavam grande parte do comércio que se fazia neste local, mesmo que, desde 2004, a fiscalização fechasse seu cerco sobre este comércio informal. Sobre isso, o vendedor de jogos T.L. coloca sua opinião em relação às vendas de CD's:

[...] Música tem pessoas de todas as idades comprando. CD's de jogos até hoje são considerados itens de crianças ou de pessoas inúteis. E não é qualquer pai que vai comprar quilos de CD's de jogo pro filho se aquilo não vai dar um futuro pra ele. Falo isso porque qualquer um que compre um CD de música e cante no chuveiro, pode um dia 'vim' a ser um ídolo do Brasil... Por isso o ramo musical não sofreu só por vender CD's ou LP's⁷⁶

Mesmo considerando esta importância que contribui para as vendas dos piratas, T.L. também completa que, se por um lado a aceitação era grande, talvez por isso a fiscalização foi mais intensa:

[...] Porque o CD musical e o de filme é mais visado pelas fiscalizações por terem editoras e gravadoras no Brasil, e isso torna o lance lucrativo sim, mais muito mais perigoso de você perder tudo. E eles têm o mesmo tipo de lucro sim, 'mais' é mais frustrante quando são pegos...⁷⁷

Quando o questionei se isso os tornava mais 'criminosos' do que um vendedor de jogo por ter as gravadoras contra, ele respondeu prontamente:

'Pra' gravadoras sim, porque nenhuma das Softhouses nem sonha que tem alguém pirateando seu jogo por aqui. E na minha opinião, o Playstation, assim como os demais consoles de CD ou DVD, só tiveram mercado aqui devido aos piratas... a Sony nem tinha representação comercial aqui no Brasil até sair o Play II. Pelo que eu sei, ela achou que a América do Sul não era um bom mercado. A pirataria [abrindo os braços e olhando em volta, em referência ao Camelódromo Central como

⁷⁶ Entrevista realizada com o Sr. T.L., 36 anos, vendedor.

⁷⁷ Ibid.

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

um todo] ‘tá’ aí pra mostrar pra gente o tal mercado ruim [com ironia e sorriso no rosto].⁷⁸

Isso nos dá espaço para pensar sobre o aumento do lucro dos vendedores, uma vez que precisam preparar-se no caso de um prejuízo acarretado pela apreensão de todos os CD’s ou DVD’s em sua loja. Por outro lado, é interessante observar que esta fiscalização se fez objetivamente sob CD’s de música e DVD’s de filmes, a partir de cobranças das gravadoras que licenciaram as obras que eram pirateadas com maior frequência.

Em 2007 as fiscalizações conseguiram finalmente encerrar todas as atividades relativas ao comércio de CD’s e DVD’s piratas no espaço do Camelódromo Central. Por outro lado, ainda se mantiveram praticamente todas as lojas que atuavam na venda de cartuchos, CD’s e DVD’s de jogos piratas até os dias de hoje. Este foi um processo que se intensificou em 2003, fechando o cerco aos piratas de música e filmes até o ponto de se tornar insustentável sua comercialização.

A apreensão freqüente dos produtos, bem como a possibilidade cada vez mais concreta de receber um mandato de prisão, afastou os vendedores desta atividade, para então se ocuparem de outras até então menos atentadas em seus *Box*. Como exemplo, citamos uma das apreensões de 2008, registrada pelo Jornal Correio:

Uma operação conjunta da Polícia Militar e Ministério Público de Uberlândia resultou na apreensão de mais de 11 mil CDs e DVDs piratas. Um laboratório de reprodução das mídias foi fechado. Sete pessoas foram presas, entre elas, Laila Denise de Oliveira, 34 anos, apontada pela polícia como a maior falsificadora dos produtos. Foram apreendidos computadores e impressoras utilizadas para duplicar os discos. Esta é a maior apreensão realizada neste ano na cidade. Ontem, outras duas mil cópias haviam sido apreendidas e duas pessoas presas. A ação foi realizada também em outras cidades do Estado.⁷⁹

Esta foi uma das várias fiscalizações que resultaram em uma quantidade considerável de apreensões. Entre 2006 e 2007 a intensidade e investida foram definitivas para a atual configuração do Camelódromo Central de hoje, o principal ponto de venda e de conseqüente apreensão de ontem.

Temos na cidade um caso interessante sobre a fiscalização, onde “O modelo adotado em Uberlândia para barrar a pirataria começa a ser levado para outros

⁷⁸ Entrevista realizada com o Sr. T.L., 36 anos, vendedor.

⁷⁹ http://www.jornalcorreio.com.br/texto/2008/06/12/29905/policia_apreende_11_mil_cds_e_dvds_falsifica_dos.html

ENTRE APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

municípios”⁸⁰ e “A cidade é apontada pela Associação Antipirataria de Cinema e Música como a segunda cidade modelo no combate a este tipo de crime, perdendo apenas para Blumenau, em Santa Catarina”.⁸¹

Nos parece equivocado, quando pensamos sobre a pirataria como um todo. Se por um lado busca “cessar a pirataria em Uberlândia”⁸², como diz o Tenente entrevistado na reportagem, como se explica a repressão apenas aos piratas que têm representação comercial? Ainda acompanhamos jogos piratas sendo vendidos e não parece haver intenção por parte das autoridades em extingui-la, pois não há cobrança que priorize alguma atitude neste sentido.

Enfim, o presente capítulo nos apontou diferentes vertentes de como se pensar a indústria cultural. E esperamos com isso abrir o leque de compreensões sobre como a conduta da pirataria, no que diz respeito ao Camelódromo Central, reflete o próprio comportamento acompanhado na indústria cultural. Para isso, foram de suma importância a compreensão de como se desenvolveu a pirataria de CD’s e sua relação de custo-benefício.

Ao mesmo tempo, ironicamente, a pirataria surge e se mantém como resistência às gravadoras. Sua gênese é resultado do protesto à indústria cultural. Mesmo que camelôs vendam os *blockbusters*, ainda assim possuem em seu seio a negação dos meios formais.

Da mesma maneira, o comportamento da fiscalização é um segundo passo para apreender a maneira pela qual os jogos de interesses entre gravadoras e autoridades se dão, uma vez que a cobrança feita é incisiva e age diretamente sobre o objeto a ser apreendido. Um jogo entre a informalidade e autoridade, entre caçadores e cassados que muitas vezes confundem entre si suas posições.

Com isso, pudemos observar como a pirataria seguiu (a despeito da possível difusão de culturas) o comportamento de reprodução da indústria cultural no que se refere ao espaço do Camelódromo Central. É a partir de fatores como a globalização e difusão da tecnologia que a pirataria se desenvolveu, enquanto tomava uma dimensão diferente (com novas e maiores proporções), ao se espelhar em comportamentos antes exclusivos à indústria cultural.

⁸⁰ http://www.jornalcorreio.com.br/texto/2008/06/12/29905/policia_apreende_11_mil_cds_e_dvds_falsificados.html

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

Mas é nela também que percebemos o resultado da resistência ao modelo da indústria cultural. Portanto, o comportamento que caracteriza a pirataria é, ao mesmo tempo, representar aceitação e resistência.

Finalmente, também observamos como a evolução das mudanças referentes ao modo como o produto era fabricado corrobora com a re-significação do objeto quando nos referimos às novas relações que se dão sobre o oficial, resultado da influência do novo objeto: o pirata. Com ela também percebemos como as cobranças dos meios formais influem diretamente na intensidade das fiscalizações, sendo realmente efetivas quando querem.

Considerações Finais

Ainda consideramos atuais as questões relativas ao texto de Walter Benjamin no que diz respeito aos limites e potencialidades da reprodutibilidade técnica. Além de atual, este processo se encontra em andamento e não em conclusão:

A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas, como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos.⁸³

A pirataria possui atributos que a envolvem com seus novos consumidores, re-significando as relações com o objeto. Benjamin já apontava que “Fazer as coisas ‘ficarem mais próximas’ é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade”.⁸⁴

O Camelódromo Central é um local que se origina da intenção de retirar das ruas um crescente grupo de vendedores ambulantes e que, em sua evolução, tornou-se a maior referência de produtos informais da cidade. Sua gênese e seu desenvolvimento são fatores fundamentais para compreender como as pessoas compreendem esse espaço, sendo elas consumidores ou vendedores, cada uma com sua referência sendo construída durante todo este tempo.

O advento do CD, com uma nova tecnologia, a globalização, com o aumento do desemprego e a difusão da tecnologia, com seus recursos reprodutivos formam um conjunto responsável pela ascensão e desenvolvimento da pirataria de CD's neste espaço onde se comercializa produtos informais. Ao reproduzir a perspectiva de venda da indústria cultural sob os produtos de cultura massiva pirateados, diferente do espaço que ocupava no passado, toma novas dimensões e conceitos de criminalidade.

Porém, embora espelhe procedimentos da indústria cultural, a pirataria sempre representou resistência ao formal com suas duras críticas ao alto preço dos originais, oferecendo uma rota alternativa na obtenção de mercadorias desprovidas da mesma qualidade, mas acessíveis pelo baixo valor de mercado.

Ainda observamos aqui como o governo e os órgãos de fiscalização não se dão ao devido trabalho quando se fala de economia informal. A fiscalização só se faz efetiva ao passo que a cobrança se torna freqüente e incisiva. Da mesma maneira que a fiscalização

⁸³ BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 167.

⁸⁴ Ibid, p. 170.

precisa do estímulo da cobrança, não há ainda uma cultura de combate à pirataria por meios eficazes senão o da apreensão de materiais ilícitos. Houve, de maneira relapsa, um demasiado tempo de espera para se desenvolver propagandas que não incentivassem o consumo dos produtos piratas.

Como resultado, temos uma sociedade que legitima esta prática de maneira a manter o mercado informal que se fez durante tanto tempo no Camelódromo Central, bem como vendedores informais se compreendem como trabalhadores e não como criminosos, enquanto cria-se um local de pertencimento e reconhecimento. A fiscalização feita de forma ferrenha resultou na extinção deste tipo de comércio sob duras críticas da população e dos que foram acusados.

Também notamos como não há um trabalho de conscientização social frente às novas atividades ilícitas, o que corrobora diretamente para sua manutenção no seio da sociedade, ora pelos que delas sobrevivem, ora pelos que delas se beneficiam.

E, como Eco aponta, são estes programas de conscientização que serão capazes de modificar o que se entende hoje por pirataria. Além de não existirem tais programas, as campanhas antipirataria atuais não são suficientes, tampouco eficientes. Certamente a postura da imprensa é capaz de mudar muito aquilo que se entende por pirataria enquanto crime, como pudemos observar. Seria, portanto, necessária uma mescla entre inserção destes programas e a colaboração da imprensa: ambos precisam ser eficientes se quiserem combater a pirataria.

Também percebemos como, dentro da discussão de “cultura de massa” e indústria cultural, bem como acompanhando a maneira como é fabricado, entendendo como se deram as relações de custo-benefício e salientando o próprio desenvolvimento da venda de CD's no Camelódromo Central, a pirataria se insere como reflexo da indústria fonográfica quando se fala sobre o material a ser copiado indevidamente. Isso é o que relaciona diretamente a indústria cultural com o aumento direto da pirataria.

Porém, ela é responsável direta por uma re-significação do fetiche do objeto, uma das principais armas da indústria cultural frente o consumidor. Se por um lado este desejo do objeto se constrói com o tempo, a pirataria o re-significa (e o tem re-significado) num curto espaço de tempo demasiado rápido para os meios formais acompanharem e recuperarem.

Benjamin afirmava sobre as mudanças necessitarem de pelo menos meio século para se tornarem notáveis. A pirataria tem um resultado muito mais efetivo ao modificar as

relações materiais vigentes num espaço de cinco anos. Não há previsões de como se configurará o mundo das relações materiais nos próximos dez anos, considerando principalmente a influência da Internet nos meios massivos.

Portanto, entendemos a pirataria como uma consequência da globalização e do avanço (assim como da facilitação aos acessos) dos meios tecnológicos. Se por um lado ela colabora com o que é divulgado pela indústria cultural, por outro ela é responsável pela quebra de um dos alicerces de sua sustentação, o que não significa, em nenhum momento, sua morte: o fim da pirataria de CD's de música e de DVD's de filmes no local estudado é uma prova disso.

Por ter compreendido um espaço local que faz parte da comunidade na qual os estudantes e funcionários da Universidade Federal de Uberlândia se inserem, entendemos que este trabalho pode ter resultados práticos com a análise que disponibilizamos tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade.

Ficam aqui algumas dúvidas. Seria a pirataria uma típica obra de arte do mundo em que vivemos? Ou uma arte fetichizada pela reprodução, pelo capitalismo e pelo desemprego? A pirataria é uma arte que aceita resistindo ou uma arte que resiste aceitando? São questões que acaloram possíveis debates em outras futuras pesquisas.

FONTES

- a) “O Correio de Uberlândia”, 2001 – 2006. Arquivo Público Municipal de Uberlândia – MG.
- b) “Super Interessante”. São Paulo: Abril, Dezembro de 2006.
- c) “Em cômodos”. Uberlândia – MG, Janeiro, Fevereiro e Março de 2007.
- d) “Cadernos de História” – Uberlândia, v15. Setembro de 2006 a 2007.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural In: *Sociologia – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1986.
- BARCELLOS, Caco. *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BILL, M.V. e ATHAYDE, Celso. *Falcão – Meninos do Tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BLOCH, Marc. *Apologia à História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOLLE, Willi e MATTOS, Olgária C.F. (org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Memórias e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BRITO, Diogo de Souza & WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes (org.). *Uberlândia revisitada – memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre, ARTMED Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. *do palco à página: Publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- COHN, Gabriel. “Dos riscos que se corre nas ciências sociais” In: *Tempo Social*. Ver. Sociol. USP, São Paulo: 13(1):39-47, maio de 2001.

- DURKHEIM, Émile. "A Dualidade da Natureza Humana" In: *A Ciência Social e a Ação*. São Paulo: Difel, 1970.
- ECO, Umberto. Cultura de Massa e "Níveis" de Cultura In: *Debates – Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JANOTTI, Maria de Lourdes e ROSA, Zita de Paula. "História Oral: uma utopia?" In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.13, n. 25/26, Set. 92/ago. 93.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 1924. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LENHARO, Alcir. *Cantores do Rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo – "O triunfo da vontade"*. São Paulo, Ática, 1986.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz & LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante (org.). *Caminho das pedras: inventário temático de fontes documentais – Uberlândia – 1900/1980*. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- MARSON, Adalberto. "Reflexões sobre o procedimento histórico". In: SILVA, Marcos ^a da (org.) *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ANPUH-Núcleo de São Paulo, 1984.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª Ed. São Paulo: UFRJ, 2000.
- MATTOS, Marcelo Badaró. Pesquisa e ensino In: *História. Pensar & Fazer*. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998.
- MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e outros Malandros*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- PRADO, Luiz Carlos Delorme. *A política econômica deles, e a nossa... uma resenha de A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. Rio de Janeiro: Revista de Economia Contemporânea, vol.11 no.3, Set./Dec. 2007.
- SAID, Edward W. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SAMUEL, Raphael. "História local e história oral" In: *Revista Brasileira de História*. V.6, n.º 19. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, Set/1989/Fev./1990.
- SANTOS, Christiano Rangel dos. *Nas brechas da indústria fonográfica: o fenômeno da pirataria de discos*. 2007. Monografia (Bacharelado em História), UFU - Universidade Federal de Uberlândia: 2007.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Presente – Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.
- SILVA, Ângela Maria et al. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses*. 2. Ed. ver. e ampl. Uberlândia: Edufu, 2002.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.